

Universidade de Brasília (UnB)
Faculdade de Ciência da Informação (FCI)
Curso de Graduação em Biblioteconomia

Biblioteca prisional:

Informação e reintegração

Rodolfo Costa da Silva

Brasília
2012

Rodolfo Costa da Silva

Biblioteca prisional:

Informação e reintegração

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção de título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Ilza Leite de Azevedo Santos Lopes.

Brasília
2012

Silva, Rodolfo Costa da.

Biblioteca prisional [manuscrito] : informação e reintegração / Rodolfo Costa da Silva. -- 2011.

37 f.

Orientador: Ilza Leite de Azevedo Santos Lopes.

Impresso por computador.

Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade de Brasília, Curso de Graduação em Biblioteconomia, 2011.

1. Biblioteca especializada. 2. Sistema penitenciário. 3. Prisão, estudo de caso, Brasília (DF). I. Título.

CDU 026:343.81

Folha de Aprovação

In Memoriam, dedico este trabalho aos meus avós Antúcio e Ambrósia, por terem me ensinado o verdadeiro significado de amor e companheirismo.

Ao meu pai Orlei por ter me mostrado, até seu último suspiro, que a vida é muito mais gostosa quando remamos contra a maré e pensamos fora da caixa.

AGRADECIMENTOS

A minha tia Olga que, na ausência da minha mãe, cuidou de mim como se fosse uma.

Ao meu tio Orion por me mostrar que as melhores coisas na vida são aquelas que conquistamos com muito sacrifício.

In Memoriam, a Maria da Conceição Moreira Salles, eterna diretora da Biblioteca Demonstrativa de Brasília. Ajudou-me a elaborar minha monografia fornecendo vários materiais e entrevistas sobre seu trabalho na Biblioteca Nova Vida.

A professora Ilza por estender sua mão quando precisei de ajuda em assuntos não relacionados ao curso.

A professora Sely por ter me ajudado a encontrar oportunidades de estágio e projetos assim que ingressei no curso de Biblioteconomia.

A todos os professores que tive o prazer de conviver desde minha infância até minha vida adulta.

Aos amigos de verdade os quais pude comemorar nos momentos de alegria e desabafar nos momentos de tristeza.

Ao meu colega Gaspar por ter me ajudado a distribuir os questionários no Complexo Penitenciário da Papuda.

A todos os detentos do Complexo Penitenciário da Papuda por terem respondido os questionários com muita seriedade.

“Não há nenhuma prisão em nenhum mundo
na qual o amor não possa forçar a entrada”

Oscar Wilde

RESUMO

O objetivo deste trabalho é de analisar a proposta de trabalho da biblioterapia e como ela é aplicada na Biblioteca Nova Vida, localizada no Núcleo de Ensino do Complexo Penitenciário da Papuda. Para isto, a história das prisões, tanto no Brasil quanto em outros lugares no mundo, foi sintetizada para um melhor entendimento dos problemas que ocorrem nos dias de hoje e, também, como a leitura influencia, desde os tempos antigos, na mudança comportamental do indivíduo, visando sua ressocialização ou melhoria de sua saúde mental. Para a coleta de dados nesta pesquisa, foi elaborado um questionário com questões fechadas e abertas, para cerca de 100 detentos e suas respostas foram de suma importância para este trabalho. A análise das respostas nos permitem ver, por exemplo, quais são os gêneros literários mais lidos, qual o impacto da leitura na vida do detento, sua vida antes e após o contato com a leitura e quais seus desejos para a melhoria dos serviços da Biblioteca. Esta pesquisa tem também como finalidade chamar a atenção das pessoas sobre o grave problema estrutural das prisões brasileiras, fornecendo dados importantes para discussões e possíveis projetos futuros que envolvam a terapia por meio da leitura e a reabilitação dos detentos.

PALAVRAS-CHAVES: Leitura. Biblioterapia. Prisão. Complexo Penitenciário da Papuda. Bibliotecas prisionais. Bibliotecário. Biblioteca Nova Vida.

ABSTRACT

The primary objective of this work is to analyze the bibliotherapy work's proposal and its application in the Biblioteca Nova Vida (New Life Library), located in the Núcleo de Ensino do Complexo Penitenciário da Papuda (Education Center of the Papuda's Penitentiary Complex). For this, the prison's history, as much in Brazil as in other places around the world, has been synthesized for a better agreement of the problems that occur nowadays and also how the reading practice influences, since the old times, in changing a individual behavior, aiming its resocialization or mental health improvement. For the data collection in this research a questionnaire, with opened and closed answers, was elaborated to almost 100 prisoners and its answers had been of utmost importance for this work. The answer's analysis allow us to see, for example, which are the literary style they read the most, which is the impact of reading in the prisoner's lives, its life before and after the contact with lecture and what are their desires for the library services improvement. This research also has as purpose to grab people's attention about the serious structural problems of the Brazilians prisons, supplying important data for debates or future projects that involve the reading therapy or the prisoner's rehabilitation.

KEYWORDS: Lecture. Bibliotherapy. Prison. Complexo Penitenciário da Papuda. Prison libraries. Librarian. Biblioteca Nova Vida.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Faixa etária	49
Gráfico 2 - Escolaridade	50
Gráfico 3 - Frequência	51
Gráfico 4 – Motivos para não frequentar a biblioteca	52
Gráfico 5 – Número de livros	53
Gráfico 6 – Ambiente de leitura	54
Gráfico 7 – Materiais de leitura	55
Gráfico 8 - Importância da leitura	58
Gráfico 9 – Sentimentos durante a leitura	60
Gráfico 10 - Mudou o comportamento?	63
Gráfico 11 - A biblioteca Nova Vida	65
Gráfico 12 - Encontra o que procura?	66

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Sugestões para novos materiais

67

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

OE - Objetivo Específico

EUA - Estados Unidos da América

MA - Maranhão

SP - São Paulo

UNESCO - United Nation Educational, Scientific and Cultural Organization
(Organização para a Educação, a Ciência e a Cultura das Nações Unidas)

DEPEN - Departamento Penitenciário Nacional

HQ's - História em quadrinhos

MP - Ministério Público

UnB - Universidade de Brasília

FUNAP - Fundação "Prof. Dr. Manoel Pedro Pimentel"

BDB - Biblioteca Demonstrativa de Brasília

CIR - Centro de Internamento e Reeducação

IBOPE - Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística

VHS - Video Home System

SUMÁRIO

1	Introdução.....	14
1.1	Objetivos.....	15
1.1.1	Objetivo Geral	15
1.1.2	Objetivos Específicos	15
1.1.3	Justificativa.....	16
2	Revisão de Literatura.....	17
2.1	História do sistema penitenciário mundial	17
2.1.1	História do sistema penitenciário brasileiro	21
2.2	Leitura e terapia.....	27
2.3	Biblioterapia	30
2.3.1	A importância do bibliotecário na aplicação da biblioterapia	32
2.3.2	Biblioterapia nas prisões: teoria, prática e problemas	34
3	Metodologia.....	37
4	Estudo de caso: Complexo Penitenciário Papuda e a Biblioteca Nova Vida.....	38
4.1	Complexo Penitenciário Papuda.....	38
4.2	Biblioteca Nova Vida	40
4.3	O outro lado da moeda	43
5	Análise dos dados	47
5.1	Faixa etária	48
5.2	Escolaridade	49

5.3	Hábito e frequência de uso da biblioteca.....	50
5.4	Quantidade de livros lidos	52
5.5	Ambiente de leitura	54
5.6	Materiais de leitura	55
5.7	Importância da leitura.....	57
5.8	Sentimentos durante a leitura	60
5.9	Mudança de comportamento	62
5.10	Opiniões à respeito da Biblioteca Nova Vida.....	64
6	Conclusão.....	68
	Referências Bibliográficas.....	71
	APÊNDICE A	8080

1 INTRODUÇÃO

O objetivo desse trabalho foi o de realizar um estudo de caso na Biblioteca Nova Vida do Complexo Penitenciário da Papuda para averiguar se a biblioterapia poderia contribuir para a reabilitação dos presos; propondo, além disso, melhorias aos serviços já existentes na biblioteca.

Observa-se na literatura dos meios de comunicação que o sistema penitenciário brasileiro está em crise e precisa de renovação. O número de presos aumenta em progressão geométrica dia após dia sem que haja ampliação e manutenção dos prédios das prisões. Como resultado nos deparamos com a superlotação das celas e pessoas tentando sobreviver em condições subhumanas no meio de uma violência crescente, em um lugar que deveria servir como um centro de reabilitação.

Uma visão preconceituosa sobre estes estabelecimentos imperam na sociedade. Para a maioria das pessoas, a prisão é uma jaula para trancafiar delinquentes pois são todos uma ameaça a sociedade. São tratados de forma inapropriada segundo os direitos humanos, sem que sejam ouvidos e as suas necessidades atendidas.

A sociedade não pode esquecer que 95% do contingente carcerário, ou seja, sua esmagadora maioria é oriunda da classe dos excluídos sociais, pobres, desempregados e analfabetos, que, de certa forma, na maioria das vezes, foram “empurrados” ao crime por não terem tido melhores oportunidades sociais (SALES, 2007).

Essa afirmativa de Sales conseguiu exprimir uma das principais causas da violência e da formação do caráter marginal, que é a falta de oportunidade. O que podemos fazer neste caso? A fraternidade é uma força intangível e, no entanto, preponderante da nossa sociedade, entretanto, a consciência coletiva muitas vezes, pelos meios de comunicação de massa, torna-se egoísta e insensível aos problemas vivenciados pelos prisioneiros.

A sociedade contemporânea, principalmente a brasileira, presa à satisfação de necessidades imediatas e midiaticamente geradas em imaginários coletivos superficiais, geralmente mostra-se apática frente aos problemas da violência

na/da prisão, a não ser quando os ânimos se alteram em função da ocorrência de fugas e megarebeliões (GUINDANI, 2001).

Convém destacar que Guindani ao dizer que a sociedade é, de certa forma, egoísta e minha maior motivação para realizar o presente estudo é a de poder pesquisar, conhecer e trabalhar com uma realidade completamente diferente de uma pessoa comum, aplicando os conhecimentos adquiridos durante o curso de Bacharelado em Biblioteconomia e fazer minha parte pois, na minha opinião, apontar os problemas não é suficiente, temos que ajudar a construir nossa sociedade.

Segundo o Dr. Antonio Geraldo da Silva, presidente da Associação Brasileira de Psiquiatria, o Brasil tem mais de 500 mil presos. Desses, 60% são doentes mentais que não recebem um tratamento adequado.

Neste contexto, a prática da biblioterapia, pode vir a significar a utilização de materiais de leitura para auxiliar no restabelecimento psíquico de pessoas que apresentam transtornos emocionais e outros tipos de problemas de comportamento.

1.1 Objetivos

Apresenta-se a seguir os objetivos do presente estudo:

1.1.1 Objetivo Geral

Analisar se após a inauguração da Biblioteca Nova Vida no Complexo Penitenciário da Papuda, ocorreram mudanças significativas para uma possível reintegração de detentos à sociedade.

1.1.2 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos são:

- OE1 - Identificar projetos de sistemas prisionais que envolvam a biblioterapia;
- OE2 - Levantar dados sobre as prisões antes e depois da implementação das bibliotecas;
- OE3 - Analisar se houve ou não uma mudança comportamental dos presos através de respostas de questionários que foram entregues a eles.

1.1.3 Justificativa

O Curso de Biblioteconomia tem muito a oferecer para a sociedade, incluindo aquela parcela que está isolada nas prisões brasileiras. Esta pesquisa poderá ajudar tanto na parte prática quanto na teórica, para que futuros estudos possam ser realizados e assim levar a biblioterapia para as prisões que não possuem bibliotecas ou ampliando e aperfeiçoando projetos de biblioterapia já existentes.

Uma pergunta fundamental para o início deste trabalho foi: o que é possível fazer, no âmbito da Biblioteconomia, para amenizar a situação de quem passa as noites sozinho, com medo, esperando a vida passar em branco?

Os bibliotecários, mesmo que não percebam, estão envolvidos em trabalhos que tem um significado de responsabilidade social. São eles que ajudam a população a conseguir as informações que precisam, transformando-as em conhecimento, conseqüentemente enriquecendo os indivíduos e disseminando a cultura.

A biblioterapia, ou seja, a terapia através da leitura, não é algo inovador, muito pelo contrário, mas somente agora os profissionais, principalmente da área de saúde e educação, estão voltando suas atenções para esta prática que, já comprovada em estudos, é extremamente benéfica para a recuperação física e mental de uma pessoa. A sensação de missão cumprida é indescritível quando podemos realizar trabalhos em hospitais, cuidando de pacientes e amenizando seu sofrimento através da leitura, ou em asilos, levando mais cultura a quem já nos ofereceu tanto.

Sendo assim, deveríamos também expandir o trabalho de biblioterapia aos prisioneiros, que em alguma fase de suas vidas, escolheram o caminho errado e estão pagando por isso.

Foucault (1987) na sua obra ‘Vigiar e Punir’ afirma que os presidiários são seres humanos como todos nós e não merecem qualquer tipo de punição que vá acarretar danos físicos ou psicológicos. Muito pelo contrário, devem ser incentivados por programas de educação, leitura e oficinas para que eles consigam mudar o comportamento que os levou para a prisão e ter esperança de dias melhores.

Mahatma Ghandi uma vez disse que “a prisão não são as grades, e a liberdade não é a rua; existem homens presos na rua e livres na prisão. É uma questão de consciência”. Convém destacar que profissionais, de todas as áreas do conhecimento, precisam tomar iniciativas para mudar este sistema carcerário que mais prejudica do que reabilita as pessoas. Quem sabe assim, um dia não haverá mais distinção entre os presos e os livres?

Nesse contexto, a responsabilidade social do profissional de informação, aplicando seus conhecimentos especializados com a Biblioterapia, pode vir a ampliar a recuperação de seres humanos ainda no processo do cumprimento de suas penas e posterior reabilitação.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2. História do sistema penitenciário mundial

A palavra prisão, segundo Barbosa (2005) significa o ato de privar a liberdade pessoal mediante clausura; em outras palavras, é a supressão da liberdade individual, ou seja, a restrição ao direito de ir e vir. Direito que foi assegurado também por meio de um dos remédios constitucionais, fazem parte das normas que garantem a efetividade do exercício dos direitos constitucionais, que é conhecido como Habeas Corpus (art. 5º, LXVIII, da Constituição Federal). O termo completo *habeas corpus ad subjiciendum*

significa “que tenhas o seu corpo” e é contido no artigo 5º da Constituição Brasileira de 1988.

A primeira instituição penal foi o Hospício de San Michel, em Roma, o qual era destinado primeiramente a encarcerar “meninos incorrigíveis”, era denominada Casa de Correção (MAGNABOSCO, 1998).

Misciasci (1999) relata em suas pesquisas que a pena de prisão teve sua origem nos mosteiros da Idade Média, como punição imposta aos monges ou clérigos faltosos, fazendo com que se recolhessem às suas celas para se dedicarem, em silêncio, à meditação e se arrependem da falta cometida, reconciliando-se com Deus. Essa idéia inspirou a construção da primeira prisão destinada ao recolhimento de criminosos, a *House of Correction*, construída em Londres entre 1550 e 1552, difundindo-se de modo marcante no Século XVIII.

Históricamente o objetivo das prisões era apenas assegurar que os condenados pela justiça não fugissem e assim cumprissem sua sentença, que na maioria das vezes era a morte. Os que tinham sorte de não serem condenados ao esquitejamento, eram torturados, chicoteados ou marcados a ferro quente em público para que se envergonhassem e houvesse uma separação da parcela considerada decente pela sociedade e a dos criminosos. Não existia qualquer distinção entre os presos em relação a idade e sexo, todos os condenados aguardavam juntos a sentença, tanto homens quanto mulheres e crianças, em ambientes sem uma estrutura adequada, causando o surgimento de várias doenças.

A pena de morte começou a ser questionada pelos jurados que achavam contraproduzitivo o fato de setenciar várias pessoas a morte por crimes de menor relevância, igualando, por exemplo, assassinatos a pequenos furtos. Howard (1777) condenou as prisões por serem desorganizadas, bárbaras e sujas. Uma reforma do sistema prisional, onde pessoas fossem pagas para trabalhar nas prisões, onde houvesse inspeções, uma alimentação adequada e que outras necessidades básicas dos presos pudessem ser atendidas, era necessária. Bentham (1777), entre outros reformadores da época,

acreditava que o preso deveria cumprir um regime severo mas, de forma alguma, colaborar com o detrimento da saúde do prisioneiro.

Ao passar do tempo a sociedade se mostrou mais intolerante a práticas desumanas contra os condenados e substituíram o esquartejamento pela guilhotina que, segundo os franceses, era um modo de todos obterem uma morte igual sem recorrer a métodos cruéis e longos. A reação contra tais práticas foram evoluindo até o século XIX, período em que houve a abolição da marca de ferro, chicotes, etc. Durante este século, graças a energia de vários reformadores, entre eles a família Quaker, a pena de morte começou a ser vista como uma sanção inapropriada e as punições físicas ultrapassadas. Os evangélicos também tiveram uma participação marcante nestes movimentos, pois acreditavam na redenção pessoal através do cumprimento da pena nas prisões. Foucault (1987, p. 14), sentenciou:

O corpo encontra-se aí em posição de instrumento ou de intermediário; qualquer intervenção sobre ele pelo enclausuramento, pelo trabalho obrigatório, visa privar o indivíduo de sua liberdade, considerada ao mesmo tempo como um direito e como um bem.

A partir do século XX os assuntos que envolviam sistemas prisionais começou a tomar significado internacionalmente, fazendo com que vários países se mobilizassem em congressos para estabelecer diretrizes para o direito penal. Já dizia Paterson (1943) que “você não pode treinar um homem para a liberdade quando o mesmo se encontra em situação de cativo”. Era hora de mudar.

De acordo com Magnabosco (1998), somente após o século XX, principalmente depois da segunda guerra mundial, os problemas de execução penal se tornaram foco dessas discussões e, conseqüentemente, foram elaboradas as regras mínimas da ONU como a lei de execução penal, que garante direitos não atingidos por sentença ou leis, sem que haja discriminação racial, social, religiosa ou política.

Contudo, estudiosos da área do direito penal salientam a ideia de que o sistema penitenciário se contradiz quando se compara a teoria e a prática. Um juiz da Central de Penas Alternativas do Tribunal de Justiça do Maranhão, afirma:

A questão penitenciária nunca foi tão contraditória, tendo em vista o paradoxo aparente entre o reclamo social por segurança pública e a necessidade de tutela dos direitos dos encarcerados. As águas doutrinárias agitam-se e as políticas públicas relativas ao tema ainda mostram-se tímidas, em que pese o descompasso entre a realidade carcerária e as regras internacionais e pátrias que regem a matéria (COSTA, 2003).

Os problemas envolvendo o sistema carcerário aumentam a cada dia que passa. A dificuldade de lidar com a superlotação, violência, falta de recursos e a insegurança, que dominam boa parte das prisões mundiais, aumentam a crise nas prisões. Episódios infelizes como o Massacre do Carandiru, em São Paulo, onde 111 pessoas morreram após uma rebelião, e a Rebelião de Santa Fé, em uma prisão localizada no Novo México, onde 33 presos e 12 oficiais foram mortos, acabam acontecendo ao redor do mundo como consequência natural destes problemas.

“Cumri sentença com todos os tipos de valentões” – diz um ex-presidiário entrevistado que não quis se identificar. “Não pense que você pode entrar na prisão pensando que é o cara mais forte do pedaço, porque você vai ser surpreendido quando menos esperar, acredite. Imagine passar o tempo em uma cela tão grande quanto seu banheiro, sem privacidade. Humilhação? Você vai sentir isso no momento em que chegar a prisão. Você vai ser constantemente testado, pelos funcionários e pelos presos. Se você for fraco, você vai ser comido vivo – continua. “Até hoje eu ouço os gritos dos outros companheiros sendo estuprados. Na prisão, são os presos que controlam o pátio e não os agentes penitenciários, é cada um por si e rebeliões podem acontecer a qualquer momento” – conclui.

A realidade das prisões em todo o mundo é caótica mesmo após séculos de luta constante para aperfeiçoar e humanizar o sistema prisional. O que deveria servir como um local para reabilitação e esperança se transformou em um pesadelo para quem está dentro e fora das grades. Pessoas são exterminadas diariamente e outras sofrem tanto fisicamente quanto psicologicamente e nem as barreiras de concreto afastam os internos

da criminalidade, onde os grandes chefes do tráfico de drogas comandam todas as operações do lado de fora das prisões, principalmente no Brasil.

[...] a inoperância das instituições públicas brasileiras funcionou em prol da mentalidade autoritária de época, e trabalhou na criação de lugares excludentes do mundo civilizado; sempre tomando como base modelos ideais e perfeitos de aprisionamento - as utopias penitenciárias -, sobre as quais, os juristas, via de regra, acreditavam que proporcionando leis em favor desses pressupostos, livrariam os bons homens dos perigos que circulavam visivelmente pelas ruas das cidades; protegiam o Estado do perigo que o afrontava e, sobretudo, levariam à regeneração social o futuro encarcerado. Mera utopia. Na atualidade presenciamos os frutos colhidos dos delírios dessa classe jurídica-penitenciarista (PEDROSO, 2004).

Além da dura realidade das prisões e da falta de infraestrutura, os presos precisam encarar um problema cuja a solução não virá dos cofres públicos, leis ou iniciativas privadas: o preconceito.

Segundo uma pesquisa publicada pela Fundação Perseu Abramo (s. d.), os ex-presidiários fazem parte de um dos grupos de pessoas que os brasileiros não gostariam de encontrar ou ver (21%), perdendo apenas para os usuários de drogas (35%) e as pessoas que não acreditam no deus cristão (26%). A intolerância criou um ambiente onde ex-detentos não tem chances de mudar sua vida, fazendo com que os mesmos retornem as prisões numa média de 2 a 3 anos, ou seja, o preconceito estimula a criminalidade.

2.1.1 História do sistema penitenciário brasileiro

O Brasil construiu sua primeira prisão em 1769, chamada Casa de Correção do Rio de Janeiro, conhecida também como Casa de Correção da Corte. “Não haviam celas propriamente ditas, apenas alguns cômodos com grades. Os trabalhos realizados ao ar livre eram acompanhados por feitores que dispunham das correntes atadas aos

tornozelos dos sentenciados, do chicote para manter a disciplina e de um pequeno destacamento militar para cuidar da segurança” (ARAÚJO, 2009).

Em 1824, graças a primeira constituição federal do país, foi imposto que as prisões deveriam separar os réus por tipos de crimes e penas e que as cadeias fossem adaptadas para que os prisioneiros pudessem trabalhar. O maior problema disso era na prática, visto que a lei não era cumprida e detentos de todos os tipos compartilhavam as mesmas celas.

[...] havia ali paisanos e militares, indivíduos processados por delitos comuns, presos por qualquer motivo ou por nenhum motivo declarado (PEDROSO, 2004).

A implantação de um novo sistema prisional se fazia necessária no Brasil. A prisão, a partir de uma visão utópica, segundo Rothman (1991), tinha como principais metas:

- modificar a índole dos detidos através da recuperação dos prisioneiros;
- reduzir o crime, a pobreza e a insanidade social;
- dirigir suas finalidades para a cura e prevenção do crime;
- reforçar a segurança e a glória do Estado.

Apesar de serem bem claros quanto aos seus objetivos, nenhum órgão público se interessou em administrar as prisões, fazendo com que os carcereiros, também conhecidos como agentes de segurança penitenciária, tomassem conta dos estabelecimentos e formulassem suas próprias penas para os prisioneiros. Esta fórmula que mistura o abuso de autoridade com a passividade do Estado é o que vem ditando o sistema penitenciário brasileiro desde sua criação, criando condições totalmente opostas para a recuperação do condenado.

O descaso seguiu durante muito tempo mesmo depois de tantos estudos, novas correntes de pensamentos e inúmeras reformas pelo mundo. Segundo Souza (2007) em 1890, o código penal já previa que presos com bom comportamento, após cumprirem

parte da pena poderiam ser transferidos para presídios agrícolas, o que é lei até hoje, mas também abrange uma parte ínfima dos presos porque são poucos os presídios deste tipo no país. Porém, as leis não impediram que a situação carcerária brasileira continuasse sendo ignorada e houvesse superlotação das celas, mesmo com os prisioneiros considerados exemplares.

Os criminosos sociais, os vadios, vagabundos e capoeiras, tinham, assim, legislação e espaço específico muito bem elaborado para a punição nas chamadas colônias correccionais, criadas especialmente com a finalidade de circunscrever a marginalidade das cidades. Outras colônias seguiram o modelo original (PEDROSO, 2004).

Para Foucault (1987, p. 224), é preciso que sejam respeitados sete itens fundamentais para manter o ideal de um sistema penitenciário. São eles:

- 1) A detenção penal deve ter por função essencial a transformação do comportamento do indivíduo.
- 2) Os detentos devem ser isolados ou pelo menos repartidos de acordo com a gravidade penal de seu ato, mas principalmente segundo sua idade, suas disposições, as técnicas de correção que se pretende utilizar para com eles, as fases de sua transformação.
- 3) As penas, cujo desenrolar deve poder ser modificado segundo a individualidade dos detentos, os resultados obtidos, os progressos ou as recaídas.
- 4) O trabalho deve ser uma das peças essenciais da transformação e da socialização progressiva dos detentos. O Trabalho não deve ser utilizado como uma agravação da pena, mas sim como uma suavização cuja privação seria totalmente possível.
- 5) A educação do detento é, por parte do poder público, ao mesmo tempo uma precaução indispensável no interesse da sociedade e uma obrigação com o detento.

- 6) O regime da prisão deve ser, pelo menos em parte, controlado e assumido por um pessoal especializado que possua as capacidades morais e técnicas de zelar pela boa formação dos indivíduos.
- 7) O encarceramento deve ser acompanhado de medidas de controle e de assistência até a readaptação definitiva do antigo detento. Seria necessário não só vigiá-lo à sua saída da prisão, mas prestar-lhe apoio e socorro.

Tal como os reatores nucleares japoneses atingidos pelo tsunami e pelo terremoto o sistema penitenciário brasileiro é uma bomba-relógio que corre o seríssimo risco de gerar incontáveis explosões, com tragédias humanas incalculáveis (GOMES, 2011).

Ainda segundo Gomes, o Brasil é o campeão do mundo em crescimento populacional carcerário (de 1990 a 2010 aumentou 450%). Nenhum país do mundo, nem sequer os EUA, que continuam com o maior número de presidiários do planeta (mais de 2 milhões), aumentou tanto como o Brasil, que é o quarto país neste item, ficando atrás somente dos EUA, China e Rússia. A solução deste problema está muito além da construção de novos presídios. Mais de 40% da população carcerária são presos provisórios, são aqueles que aguardam uma condenação definitiva, e enquanto eles estão em suas celas, o número de casos julgados evolui com morosidade.

Choque de racionalidade, expurgo dos excessos, eliminação das atrocidades: somente assim se poderia desativar essa estrondosa bomba-relógio, cujos efeitos deletérios são mais do que anunciáveis. Há muita gente perigosa que está fora e muita gente não perigosa que está dentro. A irracionalidade do sistema é brutal. Não pode continuar com tanta indiferença (MACEDO, 2011).

A existência de programas como o Pró-Egresso, lançado em 2009 por José Serra, que permite a entrada de ex-detentos no mercado de trabalho, não passa de um esforço inútil, visto que a sociedade brasileira é bastante preconceituosa e não aceita a reinserção social.

Acompanhamos essa situação todas as semanas: o ex-detento vem ao cartório para retirar a certidão de antecedentes criminais e, ao apresentar o documento para o empregador, é rejeitado para o trabalho (SEYR, 2009).

O governo brasileiro há muito tempo havia abandonado todos os princípios para manter um bom sistema carcerário e transformou suas prisões em jaulas. Não havia o interesse em reabilitar um cidadão, mas sim a sua isolamento durante o período estabelecido na sua sentença. Se for feita uma comparação entre a realidade das prisões brasileiras e os ideais de Foucault, observa-se que não há controle, acompanhamento e tão pouco uma preocupação com a educação.

Se a proteção da sociedade deve ser, no caso, assegurada, não menor atenção deve merecer a humanização da pena e a emenda do condenado. Argumentarão os cétricos que no congestionamento das prisões, na má e corrupta administração, e face à organização do crime que passa a comandar certos estabelecimentos, tais princípios tornam-se difíceis de alcançar (MIOTTO, 1992).

Como a própria história nos relata, novos esforços estão sendo feitos para humanizar a situação dos presidiários em todo o mundo, principalmente no Brasil, onde os problemas estão gerando cada vez mais problemas, num ciclo interminável.

Apesar de serem a maioria, não são todas as instituições carcerárias que estão a beira do colapso. Há prisões que estão preocupadas com a integridade do interno e estão fazendo um ótimo trabalho de reabilitação. São consideradas as melhores prisões do Brasil, segundo o relatório da CPI do Sistema Carcerário:

- 1) Apaps de Belo Horizonte
- 2) Unidade Prisional Regional Feminina Ana Maria do Couto Ney (Mato Grosso)
- 3) Presídio de Papuda (Brasília)
- 4) Penitenciária de Ipaba (Minas Gerais)
- 5) Centro de Detenção Provisória de São Luiz (MA)
- 6) Penitenciária de Segurança Máxima do Espírito Santo
- 7) Penitenciária Feminina de São Paulo

- 8) Penitenciária Feminina do Rio de Janeiro
- 9) Creche do Piauí
- 10) Presídio de Segurança Máxima de Presidente Bernardes (SP).

Estas prisões recebem visitas periódicas de palestrantes e professores, além de oferecer curso de artes, de costura e culinária, alimentando a vontade de reabilitação das pessoas que se encontram confinadas entre as frias paredes da prisão. Os detentos tem constante apoio jurídico, psicológico e médico, além de estudarem e trabalharem.

É fundamental a cooperação e o intercâmbio cultural que estamos promovendo, além da oportunidade de mostrar o que estamos desenvolvendo em ações de ressocialização (FILHO, 2008)

O diretor da unidade de Ipaba, eleita a 4ª melhor prisão do Brasil, é sucinto:

A Dênio Carvalho se compromete com a ressocialização dos detentos e mantém o respeito e a ética acima de tudo. A ressocialização tem jeito? Tem jeito sim. E nós estamos fazendo isso aqui (ANJOS, 2009).

O pensamento é mútuo, de acordo com Rogério, preso por tráfico de drogas, ele aprendeu o valor através da dor e do trabalho. “Agora sei que tenho capacidade de ganhar tanto dinheiro, quanto, quando estava no tráfico, através do meu trabalho. Ao invés de construir presídios é necessário construir homens novamente. E isso será feito através do trabalho” – disse.

O Brasil atualmente conta com o apoio da UNESCO em parceria com o DEPEN para reeducar os presos através da leitura, com o projeto “Uma janela para o mundo – Leitura nas prisões” estabelecido em Porto Velho, Catanduvas, Campo Grande e Mossoró, além de outras iniciativas não-governamentais, como é o caso da biblioteca da Papuda, no Distrito Federal.

A leitura é vista atualmente como uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento psicológico das pessoas e esta visão está sendo incorporada em vários lugares como hospitais, asilos e prisões.

2.2 Leitura e terapia

A importância da leitura para a formação de uma sociedade consciente é inimaginável. Sem a constante busca por informações o indivíduo ficaria excluído socialmente, busca esta que, devido as novas tecnologias de informação e comunicação, pode ser facilmente executada.

Para Gonçalves (2003), o contacto com o livro enriquece culturalmente o indivíduo e promove a sua autonomia. O livro e a leitura contribuem para o melhoramento da competência linguística oral e para a aprendizagem do código escrito da sua própria língua. Crianças que possuem o hábito de ler constantemente aprendem a sistematizar as informações e o conhecimento de forma mais organizada. Outro resultado da leitura, e não menos importante, é o desenvolvimento da criatividade, que pode ser usada para resolver problemas e encontrar respostas.

Então observar, analisar e procurar entender o mundo e interagir tem através da leitura um caminho para a promoção do desenvolvimento de competências na medida em que os conhecimentos vão sendo absorvidos e se amplia gradativamente a produção cultural da humanidade (SOUZA, 2007).

Não é necessário que o livro seja um *best-seller* para que o leitor use a criatividade, muito pelo contrário, pode ser uma charge, histórias em quadrinhos, textos humorísticos ou uma boa história. O fundamental é que desperte o interesse dos leitores, mas como dito anteriormente, a sociedade brasileira ainda vivencia os preconceitos. Para os intelectuais, os jornais e as revistas são leituras fundamentais para que o cidadão atinja um certo grau de compreensão do mundo e seja mais culto; já as histórias ilustradas são vistas como algo infantil e ingênuo, conceito que está sendo derrubado e aos poucos as HQ's (histórias em quadrinhos) estão conquistando pessoas de todas as idades.

Existem HQ's bastante complexas e pesadas, com histórias dotadas de alta carga dramática e roteiros intrincados. Não são os mais indicados para crianças, mas são também uma evolução aos passos iniciais. E esses passos

iniciais podem ser aqueles universais, das historinhas da Mônica, Cebolinha, Chico Bento... inclusive, acho válido utilizar as histórias do Chico ou do índio Papa-Capim em aulas de educação ambiental (QUEIROZ, 2008).

Com o advento da internet, as pessoas conseguem recuperar as informações que desejam em poucos segundos, acompanhando a rotina frenética que é imposta pela nova geração. Grandes empresas, como o *Google*, estão trabalhando diariamente para digitalizar, isto é, passar o livro do suporte físico para o virtual, para que cada vez mais pessoas possam ter acesso as obras com apenas alguns cliques.

Entretanto, nada substitui a experiência de ter o contato com o livro e a prova desta afirmação é quantidade de usuários que uma biblioteca recebe durante o dia. Um exemplo é a própria Biblioteca Central da UnB que em 2010 obteve uma média de público visitante de 2.500 pessoas por dia, solicitando o empréstimo de livros e gozando de outros serviços como o laboratório de acesso digital e a utilização dos espaços para estudo. “Meus filhos terão computadores, sim, mas antes terão livros. Sem livros, sem leitura, os nossos filhos serão incapazes de escrever - inclusive a sua própria história” (GATES, s. d.).

As bibliotecas são as principais aliadas na luta pela disseminação da informação além da promoção do desenvolvimento cultural, político e científico pelo hábito da leitura. De acordo com Gesteira (apud Souza, 2007), a biblioteca é um sistema social de informação, levando-se em conta ser ela um dos um dos mais antigos sistemas de informação existentes na história da humanidade e considerada pólo de irradiação cultural de grande significação. Inerente a sua própria condição tem o papel de motivar o leitor para o livro e a leitura.

Era uma vez... um livro. Muito tesou na prateleira, protegido dos outros por uma capa dura, parecia um castelo inexpugnável a guardar tesouros. Com toda sua pose, entretanto, sentia-se solitário e aguardava ansiosamente para que algum aventureiro dele se aproximasse (CALDIN, 2010, p.11).

Quando lemos, viajamos para lugares fantásticos e impossíveis de existir senão no nosso psicológico, abrimos portas para a imaginação e nos deliciamos com todas as possibilidades que estes mundos nos oferecem. É uma válvula de escape do estresse no

dia a dia, uma zona de conforto criada pela nossa imaginação para descansar o corpo e a mente da rotina do século XXI. Pode o livro ajudar nestes problemas? Mas afinal o que é o estresse e quais são suas causas?

O estresse é a reação do organismo aos fatores externos (estressores) e permitem que um indivíduo supere exigências do meio-ambiente, mas pagando o preço com alto desgaste mental e tensão física. É considerada por Dr. Bernik (s.d.) como um assassino silencioso, que se alimenta das condições sociais, familiares, econômicas e profissionais do indivíduo. Selye (1988) sintetizou o estresse como a doença do terceiro milênio, é o resultado do homem tentar criar uma civilização que ele próprio não consegue mais suportar.

O ato de ler possui o caráter intercorporal devido as relações entre leitor/ouvinte e o autor, onde as margens dessa fronteira interacional não é clara, permitindo assim uma subjetividade por parte do leitor e uma entrega emocional maior. Como se o leitor estivesse a todo momento se comunicando com os personagens de uma obra e vivendo junto com eles aquele momento. Podemos considerar então a leitura como uma forma de terapia, desde que o indivíduo passe a enxergar além do texto, sem se impor como limite a decodificação de sinais gráficos como palavras e frases.

Conforme Caldin (2010, p.83), é justamente a descoberta de significado pelo leitor que faz o texto literário se configurar como um cuidado com o ser, como uma maneira de visar a saúde, como uma terapia, pois a criação age como um estímulo, como um afloramento das protensões e retenções, como um desvendamento, como um apelo e um diálogo e como um preenchimento de algo que falta.

O ato de ler é representado por meio da escrita, do som, da arte, dos cheiros. Cada leitor possui uma experiência própria, cotidiana e pessoal, tornando a leitura única, incapaz de se repetir, e este é o seu grande encanto. Através deste recurso fabuloso, conseguimos o total domínio da palavra, traçando idéias e conhecimentos, sendo possível entender o mundo que nos cerca, nos transformamos e, ao nos transformar, abrimos nossas mentes para o

desconhecido, passando assim a construir um mundo melhor para cada um de nós (BRITO, 2010).

A literatura tem o poder de apaziguar a insatisfação existencial por um momento e, segundo Llosa (2003), “é nesse instante milagroso, nessa suspensão temporária da vida, somos diferentes: mais ricos, mais felizes, mais intensos, mais complexos e mais lúcidos”.

2.3 Biblioterapia

De acordo com Alice (apud SHRODES, 1949) a biblioterapia é a prescrição de materiais de leitura que auxiliem a desenvolver maturidade, nutram e mantenham a saúde mental, independente de ser uma obra filosófica, um romance, peças de teatro ou artigos científicos. Biblio é a raiz etimológica de palavras usadas para designar todo tipo de material bibliográfico ou de leitura, e terapia significa cura ou restabelecimento, afirma Ferreira (2003). Para Caroline Shrodes (1949), a literatura ficcional é a mais recomendada para garantir uma experiência emocional do leitor, proporcionando a interação entre a personalidade do leitor e a leitura imaginativa.

A prática da biblioterapia é utilizada desde o primeiro século de nossa era, em Alexandria, por grupos oriundos de camadas sociais, credos e formações diferentes, viviam em sociedade, gostavam do conforto, do bom, do agradável e do belo. Acreditavam que o prazer e as paixões estavam ligadas a alegria e a fonte de saúde, assim como os antigos Terapeutas, grupos de judeus, cujo objetivo era de tratar a doença chamada tristeza, pela poesia, religião e filosofia. As bibliotecas egípcias ficavam localizadas em templos denominados de “casas de vida” como locais de conhecimento e espiritualidade.

[...] os aplicadores da biblioterapia procuravam desenvolver as atividades em lugares onde o vulgo prevalece, pois entendem que a escassez de recursos (médicos, psicológicos, afetivos) dessa população torna necessária sua atuação (CALDIN, 2010, p.41)

Aulus Cornelius Celsus (25 A.C. - 50 D.C.), famoso enciclopedista romano que atuava na área da medicina, havia associado à leitura como forma de tratamento médico. Ele recomendava a leitura e discussão das obras de grandes oradores como recurso terapêutico no desenvolvimento da capacidade crítica dos pacientes. Podemos concluir que o conhecimento sobre os benefícios que a biblioterapia propicia às pessoas não é recente, pois sua prática é datada desde antes da era cristã.

A biblioterapia pode ser comparada a uma brincadeira onde o leitor, ouvinte ou espectador, interpretam o texto literário de acordo com as suas emoções e necessidades. A diferença é que o aplicador da biblioterapia recorre a leitura não como entretenimento e não intervém no momento de introspecção do público-alvo, diferente do analista e do psicólogo, que fazem interpretações aos pacientes.

É de grande valor lembrar que as equipes de biblioterapia devem ser compostas, conforme as especificidades, por assistentes sociais, bibliotecários, educadores, enfermeiros, médicos, psicólogos, entre outros profissionais. É fundamental porém a colaboração de profissional da área da saúde quando a biblioterapia é realizada em hospitais, casas de repouso e asilos; de profissional da educação quando é executada em creches, escolas e orfanatos; e de assistente social quando se dá em prisões e centros comunitários.

Outra informação significativa é a idade como uma parte importante no momento da indicação de uma obra e deve-se classificar a leitura de acordo com as fases da vida: infância, adolescência e idade adulta. Na infância e na adolescência, “tanto o medo como a agressividade são essenciais para a nossa sobrevivência, mas de fato, nem sempre as suas manifestações estão adequadas a realidade e cabe ao biblioterapeuta criar um espaço de comunicação onde o leitor se reencontra nas emoções emergentes, e as suas múltiplas interpretações são trazidas para o seu lado consciente, de forma a promover mudanças comportamentais” (PEDROSA, 2011). Já na idade adulta e avançada, a leitura como lazer e cultura, desenvolve o potencial de criação dos idosos, “estimula a sensação de serem úteis à sociedade, tornando-os mais conscientes de sua cidadania” (CASTRO, PINHEIRO, 2005).

Cansávamos de ouvir e afirmar, há poucos anos, que o Brasil era um país de jovens, cuja população concentrava-se na faixa etária entre zero e 14 anos. Mas essa é uma história do passado, do já quase longínquo século XX. Tudo está mudando, e no ano 2050 – portanto, ali mesmo, numa curva do tempo – contabilizaremos nada menos que 58 milhões de cidadãos acima dos 60 anos. Desses, 10 milhões terão 80 anos ou mais, e cerca de 55 mil serão centenários (NETO, 2002).

A velhice no país é um fenômeno social e a aplicação da biblioterapia tem sido predominantemente em instituições de saúde, como hospitais, clínicas, organizações de saúde mental, além de ocorrer também em clínicas privadas.

2.3.1 A importância do bibliotecário na aplicação da biblioterapia

A biblioteconomia sempre teve como um de seus atributos o tratamento da informação, desde a aquisição de materiais, em qualquer suporte (livros, revistas, documentos, áudio, vídeo, etc), seguida pela análise, síntese e organização até sua disseminação. Este processo é conhecido como ciclo documental. Entretanto, devido a evolução da informática e, conseqüentemente, dos serviços e informação, o bibliotecário vem sendo requisitado em várias outros ambiente além da biblioteca, desde a montagem de base de dados até pesquisas envolvendo inteligência competitiva.

O jornal U.S. News (2008) elegeu a Biblioteconomia como uma das melhores carreiras de 2009, tanto pela disponibilidade de serviços no mercado de trabalho em diversas áreas quanto pelo salário:

Todos os tipos de organizações precisam de bibliotecários, não apenas as bibliotecas públicas. Eles trabalham para colégios, firmas de direito, hospitais, prisões, corporações, exército, etc. Inclusive, o mercado de trabalho para o bibliotecário especializado é a que mais cresce no mundo inteiro.

O serviço do bibliotecário também vem sendo destacado pelo apelo social que detém; o esforço que o profissional aplica ao seu trabalho vale cada minuto pois ele está

ajudando alguém a obter informações que podem ser usadas no seu dia a dia ou em alguma pesquisa científica, podendo então gerar frutos futuros. Os bibliotecários são considerados como “um dos mais influentes grupos em uma sociedade” (NEMKO, 2008).

Com os espaços ganhos pelo bibliotecário, uma das áreas a qual ele pode estar inserido é com a prática da biblioterapia. Porém as dificuldades ainda são grandes.

[...]Na área de Biblioteconomia e mais especificamente na área de biblioterapia, podemos verificar através do levantamento de dados que a mesma vem enfrentando grandes obstáculos na especialização do profissional da informação que deseja desenvolver esta atividade, pois a formação oferecida pelos cursos de graduação não atende plenamente a capacitação necessária para que o bibliotecário torne-se um biblioterapeuta (ALMEIDA, 2011 apud NUNES, 2004).

Apesar de tudo, este profissional da informação está conseguindo contornar esta situação e indo além. Como não há pós-graduação em biblioterapia, os bibliotecários estão se especializando por conta própria, se aprofundando pelos estudos individuais para atuar como biblioterapeuta em trabalhos voluntários.

Seja no divórcio, na doença, depressão ou perda, todos nós encaramos tempos sombrios em nossas vidas. Mesmo durante nossos períodos mais calmos, os difíceis dilemas da vida e tragédias de outros podem pesar sobre nós. Procuramos conforto e sentido – não necessariamente respostas fáceis mas encorajamento, direção e finalmente a confirmação de que outros passaram pelo que nós estamos passando (SISSON, 2011).

A cura através da leitura já foi comprovada, mesmo que ainda seja considerada uma participação coadjuvante por alguns especialistas. Falta um pouco de ambição para as faculdades iniciarem um trabalho maior em volta da biblioterapia. O bibliotecário tem muita importância na sociedade e é imbuído de enorme potencial, não é qualquer um que pode atuar como terapeuta, pois antes de tudo, é preciso ser humano e disso o bibliotecário entende bem, visto que seu trabalho principal é ajudar os outros através da disseminação da informação.

A questão acerca da prática da biblioterapia cabe também aos profissionais bibliotecários, que devem defender o seu espaço:

“Olhe quanta coisa podemos fazer, além de sermos classificadores, catalogadores, disseminadores, organizadores, gerenciadores, educadores, até chamados de arquitetos da informação, porque trabalhamos com ela nos mais variados suportes. Vamos refletir sobre essa imensa capacidade de podermos atuar nas mais diferentes áreas” (PARDINI, 2002).

É preciso também se perguntar: a sociedade está preparada para trabalhar desta forma? Num país onde as pessoas estão se distanciando umas das outras, se apegando ao material e menos ao emocional, invertendo valores, será possível exercer este trabalho, que não se preocupa em ter nada em troca a não ser a evolução física e mental do próximo? Um bibliotecário sozinho não é capaz de suprir todas as necessidades para atuar em todas as áreas. É preciso união e comprometimento profissional coletivo.

2.3.2 Biblioterapia nas prisões: teoria, prática e problemas

A preocupação recente do governo em fazer com que as prisões voltem a cumprir com seu papel e os esforços feitos para reabilitar os presos e a inclusão da biblioterapia, neste contexto, reflete a necessidade de unir esforços visando a reintegração do prisioneiro à sociedade.

Convém destacar que o objetivo do encarceramento não é punitivo mas sim o crescimento pessoal de cada condenado, para que este possa voltar a fazer parte de qualquer grupo ou comunidade, para que possa constituir uma família e trabalhar, como qualquer outro cidadão. Países como os Estados Unidos e Canadá estão buscando penas alternativas para os detentos, para que problemas como superlotação voltem a acontecer. De acordo com uma pesquisa realizada pelo *Departamento de Estatísticas da Justiça* (Bureau of Justice Statistics), ao final do ano de 2009 a população carcerária norte-americana era de 1.613.740 de pessoas, sendo que a média de ocupação das prisões eram de 97%.

Além da superlotação, a violência é outro ponto a ser discutido. Para a maioria das pessoas o comportamento do preso é um reflexo da sua agressividade, mas para Gold (1978, p. 293), “o comportamento do delinquente é uma defesa contra auto-derrogação”. Baseado nesta afirmação, é possível dizer que ao aumentar a auto-estima do preso, a tendência dele voltar a ter uma conduta errada no futuro é menor.

A Universidade de Massachusetts Dartmouth criou um programa chamado *The Changing Lives Through Literature*, destinado a auxiliar a recuperação presos de alta periculosidade. Para intergrar no projeto o condenado deve ter uma ficha criminal média ou extensa, capacidade de ler romances ou textos curtos e estar disposto a participar (o projeto é voluntário). Neste programa, os presos são submetidos a testes intensivos e duas reuniões por semana para a discussão de literatura contemporânea, além de contarem com uma ajuda onde eles estariam pré-empregados, visando uma reabilitação de sucesso. Os tópicos das discussões servem como um espelho para os participantes, fazendo com que eles falem sobre seus próprios problemas, envolvendo violência, masculinidade e sua identidade.

A maioria das pessoas não conhecem o poder de transformação que a leitura causa no ser humano, muito menos nas prisões, mas Vogel (2009, p.176) é bem claro quanto aos benefícios:

- Estar apto para ler e ter acesso a materiais de leitura ajuda a conviver com o remorso, a punição, as longas, vazias noites de solidão e os anos sem futuro.
- Estar apto para ler e interpretar as regras e regulamentos da prisão pode prevenir violações e evitar punições.
- A habilidade de se comunicar por cartas à família, amigos, advogados e a corte, pode ser um meio de proteger as emoções e até a vida.
- A instrução do prisioneiro pode fornecer o resgate pessoal da humilhação, exploração e dependência de outros que geralmente resultam em violência predatória.

- Ler traz a consciência do mundo em tempo real e permite a pessoa encarcerada se manter atualizada a respeito da política pública, política em geral, mudanças ambientais, inovações e tencnologias.
- Ler fornece dicas de como se comportamentar e como detectar comportamentos antisociais.
- A preparação para a reabilitação e reentrada na sociedade deve se envolver a leitura.

O resultado do projeto da Universidade de Massachusetts não foi benéfico para todos, não por falha do método aplicado, mas por causa de outras circunstâncias, como a intolerância e inaceitabilidade dos ex-prisioneiros pela sociedade. Os que conseguiram ser empregados, mantiveram seus trabalhos graças ao trabalho feito pela biblioterapia na prisão, pois eles mudaram não só o comportamento como também o jeito de ver o mundo. Há desejo por parte dos ex-detentos de se estabelecerem e desistirem da criminalidade. A biblioterapia claramente ajuda a reduzir a reincidência, mas sem a aceitação da sociedade e a criação de laços com ex-prisioneiros é impossível manter qualquer programa de reabilitação.

De acordo com Ranganathan, cada leitor tem seu livro, cada livro tem o seu leitor. Mas para Vogel (2009, p. 42), cada título deve fazer contar para todos os detentos, assim como não deve haver erros na hora de selecionar um livro. “Livros que não circulam tem um peso muito grande em uma pequena coleção, qualquer coisa não é melhor do que nada nas bibliotecas prisionais” – afirma Vogel. Entretanto, o que fazer na hora em que se descobre, que os livros mais circulados da prisão, estavam sendo usados como suporte para contrabando?

Contrabando é uma prática ilegal cujo objetivo é transportar e comercializar mercadorias e bens de consumo de venda proibida por lei. É a entrada ou saída de produto proibido, ou que atente contra a saúde ou a moralidade. Os tipos mais comuns de contrabando são de armas, drogas e fumo – praticamente o que a maioria dos detentos usavam na sua vida fora das grades. É possível que detentos usem os livros para tais finalidades?

Na biblioteca prisional de Oregon, Estados Unidos, os livros de capa dura estão proibidos de circularem. O motivo? Prisioneiros estavam escondendo armas e drogas na lombada dos livros. Em outras prisões os administradores tomam decisões ainda mais drásticas como arrancar toda a coluna do livro, deixando as folhas soltas em sacos plásticos. Cenas de partir o coração de qualquer bibliotecário.

Pode-se concluir que a biblioterapia encontra três problemas básicos para sua aplicação: interesse da sociedade, dos estabelecimentos prisionais e, principalmente, dos próprios presos. Para fazer a diferença é necessário muito mais do que apenas livros. Uma biblioteca permanente é um requisito básico para quem está na prisão e se preocupa com o bem estar dos detentos. Os administradores que pensam em implementar uma biblioteca devem estar atentos a organização do espaço assim como seus gastos para que não haja cortes caso algum imprevisto altere o orçamento em geral. Não há reabilitação forçada e muito menos como continuar o trabalho sem que a sociedade esteja de braços abertos para receber um ex-detento e dar chance a ele.

3 METODOLOGIA

A pesquisa e a coleta de dados serão realizadas das seguintes formas:

- Pesquisa exploratória: constitui o primeiro estágio desta pesquisa científica e tem como objetivo caracterizar problemas comportamentais dos detentos no Complexo Penitenciário da Papuda.
- Pesquisa bibliográfica: teórica e escassa devido a dificuldade de coletar dados pois não há muita literatura sobre este tema específico. Portanto, a revisão teórica não se limitará a livros e revistas mas também a artigos de periódicos e outras fontes confiáveis na internet, em bases de dados, desde que estas apresentem conteúdo de informação sobre o tema.

- Pesquisa de campo: conversas com bibliotecários ou outras pessoas que já trabalharam com biblioterapia, funcionários e aplicação de um questionário aos presos do Complexo Penitenciário da Papuda. Este questionário terá características quantitativas e qualitativas, resultando em dados estatísticos.

Após as pesquisas os resultados adquiridos serão tabulados e analisados para que haja uma conclusão sobre a causa e a consequência dos problemas levantados, assim como possíveis soluções e outras sugestões.

4 Estudo de caso: Complexo Penitenciário Papuda e a Biblioteca Nova Vida

O presente estudo de caso focaliza a Biblioteca Nova Vida do Complexo Penitenciário da Papuda.

4.1 Complexo Penitenciário Papuda

No dia 16 de Janeiro de 1979, o jornal Correio Braziliense emite a seguinte nota:

“O Ministro da Justiça, Armando Falcão, inaugura hoje as 16:00 horas, a nova penitenciária de Brasília, na estrada que liga Brasília à cidade mineira de Unaí. Entre as inovações implantadas com a reforma do presídio, estão os apartamentos onde os presos poderão receber visitas de seus familiares, música ambiente e celas individuais com banheiros”.

Era o início da realização de um grande projeto, um modelo de prisão para todo o Brasil, onde os detentos seriam tratados com mais dignidade, visando sua reabilitação. Um ambiente jamais visto! Os presidiários se sentiriam mais a vontade para expressar suas ideias e desenvolver habilidades para socialização, mesmo entre os muros da prisão, considerado um lugar deprimente e violento. Uma matéria especial feita pelo mesmo jornal, explicitava o quão inovadora seria este novo complexo penitenciário:

As inovações introduzidas no presídio têm o objetivo de criar um clima o mais livre possível para os detentos, motivando-os, ao mesmo tempo, para o trabalho e sua reintegração social. Com as modificações implantadas na nova

penitenciária de Brasília, os presos terão melhores condições de se readaptar socialmente, ao fim de suas penas, pois vão trabalhar normalmente, dispendo de oficinas, áreas para jardinagem, lavoura e criações granjeiras.

Desta forma, nasceu a prisão que está entre as 10 melhores do país – a Papuda, situada a 25km do Palácio do Planalto, às margens da estrada que leva a cidade mineira de Unaí, que sustenta mais de 10 mil prisioneiros, quase 42 vezes mais a capacidade do seu projeto original (240 prisioneiros).

Infelizmente o que deveria ser um sonho de tornou em pesadelo. O complexo penitenciário de Brasília foi esquecido, como tantas outras prisões no país, está longe de ser aquele exemplo que foi divulgado em 1979 pelo jornal *Correio Braziliense*. Os presos atualmente vivem em condições desumanas, enfrentando a superlotação, a violência e a falta de recursos, da mesma forma como eram tratados os infratores da época do Brasil Colônia.

[...] Além do contingente de agentes (que não pode ser divulgado), 320 policiais civis, militares e bombeiros trabalham na guarda dos detentos. Homens treinados para apagar fogo, prender, investigar e trocar tiros com bandidos e que se transformaram em cuidadores de presos. O desvio de função vai na contramão das normas internacionais (GÓIS, 2006).

As mortes dentro do complexo penitenciário não são mais novidade, as tentativas de fugas, algumas com sucesso e outras não, também não passam de rotina para quem trabalha lá, o que deveria ser evitado não passa de estatística nos jornais. Em 2000 e 2001 a Papuda sofreu duas rebeliões nas quais os presos pediam a revisão das penas e melhores condições carcerárias, além de motivos internos como controle do tráfico de drogas e acerto de contas entre gangues rivais. Apesar de tudo isso, nada foi feito e a situação está piorando.

O Ministério Público afirmou em reportagens feitas para o portal da Globo, em Julho de 2011, que os presos são torturados e passam por situações humilhantes, como exposição dos corpos nus nos corredores, além de situações de emergência como o

acionamento de água, desde 2010. Segundo o MP, os poços artesianos, construídos em 2002, estão defasados e para abastecer um bloco é preciso fechar a água do outro.

Como podemos andar na contramão da história? Quem devemos culpar pelo fracasso do sistema prisional brasileiro? As causas dos problemas são variadas e vão desde a falta de infraestrutura das prisões até as condições psicológicas dos detentos. Nada justifica este tipo de tratamento, principalmente em tempos onde dispomos de tanta tecnologia e recursos, tanto humanos quanto materiais. Nós podemos mudar esta realidade.

A prisão deteve, por muito tempo, o poder simbólico de representar o processo de normalização da vida social. Isto é, para transformar a conduta dos indivíduos, as instituições eram organizadas de modo a intervir sobre o corpo humano, treiná-lo, torná-lo obediente, submisso, dócil e útil (FOCAULT, 1987).

4.2 Biblioteca Nova Vida

Como melhorar as condições dos presos diante todas as dificuldades? O que eu, dentro da minha capacidade e conhecimento, posso fazer para contribuir? Provavelmente foram estas as perguntas feitas por Maria da Conceição Moreira Salles, bibliotecária e coordenadora da Biblioteca Demonstrativa de Brasília (BDB) desde 1983 que, em parceria com a FUNAP, elaborou o projeto para a organização de uma biblioteca na penitenciária Papuda.

O artigo 250 da Constituição Federal dispõe que “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. E foi com essa justificativa que a BDB, em apoio ao trabalho de recuperação de internos desenvolvido pela FUNAP (Fundação Prof. Dr. Manoel Pedro Pimentel) , começou a elaborar este projeto.

A Papuda já disponibilizava uma sala com aproximadamente 4.500 livros, a maioria deles velhos e desatualizados. Seria nesta sala que uma nova biblioteca iria nascer, destinada aos internos para estudar ou para que eles pudessem ler como uma forma alternativa de lazer.

Os objetivos específicos do projeto para organização da Biblioteca eram de:

1. Facilitar o acesso à informação e promover a difusão da cultura entre os internos da Papuda;
2. Incentivar, por meio de um acervo mais atualizado e organizado, a frequência à Biblioteca;
3. Apoiar as atividades pedagógicas desenvolvidas pela FUNAP/FEDF na Papuda;
4. Motivar os internos a frequentarem a Biblioteca, por meio de atividades culturais regulares, que demonstrem as vantagens do hábito de leitura. Por exemplo: Concursos literários, Recitais de Poesia, Palestras, Debates, Projeção de Filmes e Debates, etc.
5. Cooperar com o programa de reabilitação de internos desenvolvido no CIR, visto que só participarão do projeto os internos considerados de bom comportamento.

De acordo com este projeto, a FUNAP ficaria responsável pela aquisição do material necessário para organização da biblioteca como máquinas de datilografia, fichas catalográficas, cartões, etiquetas, material para restauração de livros, etc. Além de se responsabilizar pela segurança da coordenadora da BDB durante toda a implantação do projeto. Enquanto isso a BDB treinaria os internos selecionados pela FUNAP, obedecendo os critérios de bom comportamento e nível de escolaridade.

O projeto foi dividido entre as seguintes etapas:

Primeira quinzena de fevereiro/95:

- Avaliação da situação da Biblioteca;

Segunda quinzena de fevereiro/95:

- Seleção e descarte do acervo

Março/95 em diante:

- Treinamento dos internos;
- Registro dos livros;
- Técnicas de Catalogação e Classificação do acervo;
- Datilografia (desdobramento) de fichas, bolsos, cartões e etiquetas;
- Organização dos livros nas estantes por ordem de classificação;
- Cadastramento dos usuários e controle de empréstimo de livros;
- Dados informativos em relação ao trabalho desenvolvido e ao empréstimo de livros;
- Registro de periódicos;
- Indexação de artigos de periódicos;
- Restauração do material bibliográfico.

A biblioteca do Complexo Penitenciário da Papuda foi inaugurada com sucesso em Junho de 1996, sendo que 20 internos realizaram o curso de auxiliar de biblioteca, organizado pela coordenação da BDB. O nome 'Nova Vida' foi escolhido por um presidiário.

Conceição sempre foi muito confiante em relação a evolução de seu projeto já que sempre foi consciente de que, somente pela educação e cultura, podemos reverter o quadro de violência e miséria em que vive grande parte do povo brasileiro.

Lendo os textos escritos por alguns internos da Papuda, fico pensando que, apesar de muitos me considerarem idealista, concluo que está valendo a pena dedicar uma tarde por semana a este trabalho. É muito gratificante poder olhar, sem nenhum temor, nos olhos de todos e sentir o que o trabalho da Biblioteca vem representando para cada um: a possibilidade de uma "Nova

Vida”, depois de pagarem pelos seus erros perante a comunidade (SALLES, 1996).

Hoje a biblioteca se encontra completamente informatizada, com uma estrutura para a leitura e conta com o apoio do Projeto de Bibliotecas Casa do Saber , criada pela Rede Gasol de Combustíveis. Este projeto tem como objetivo levar a cultura impressa ou digital às regiões mais carentes do Distrito Federal. Já foram inauguradas 74 bibliotecas públicas graças a doações e equipes de voluntários que há mais de 10 anos trabalham neste projeto.

Quero agradecer a todos que tem colaborado para que este projeto tenha sido implantado neste centro. A vocês toda minha gratidão por ter me proporcionado momentos tão maravilhosos nas páginas de livros que muito tem me ajudado nesta dura fase de minha vida (R.P.V., 1996)

Dentre as várias homenagens recebidas por Maria da Conceição, uma delas se destacou e ela garante que vai ficar para sempre na memória. Foi o dia em que Cassiano Nunes, famoso escritor e bibliófilo, disse à ela “realizou um sonho meu”.

4.3 O outro lado da moeda

A biblioteca no presídio é de fundamental importância, pois é lá que pesquisamos e encontramos muitas das respostas para nossos problemas. Gostaria que todas as pessoas que aqui se encontram tivessem plena consciência dessa importância , pois só assim seria mais um para lutar em prol da mesma (J.P.S., 1996)

A Biblioteca Nova Vida, implantada no Complexo Penitenciário da Papuda, possui uma ótima estrutura, ambiente agradável e materiais de todos os tipos, de todos os gostos, para todo o tipo de leitor. Foi um projeto pioneiro, com direito a homenagens pelo governador de Brasília na época, Cristovam Buarque; elaborado por uma pessoa idealista e sonhadora, cujo objetivo era auxiliar o preso, através da leitura, a se reeducar para um possível retorno a sociedade.

O acervo é variado e um dos livros mais lidos pelos detentos atualmente é a Bíblia, considerada pela igreja como uma interpretação divinamente inspirada do motivo da existência do homem na terra segundo o Cristianismo. Seja no pátio, ou nas celas, a Bíblia é um material quase obrigatório para que os presidiários possam se sentir seguros. Mas estariam os presos recorrendo ao conforto através das palavras de ensinamento e pregações da sabedoria divina? “Não exatamente” – respondeu o supervisor de segurança da Papuda, que preferiu não ser identificado.

Entende-se que um homem marginal é aquele que, através da migração, educação, casamento ou alguma outra influência, abandona um grupo social ou cultural sem realizar um ajustamento satisfatório em outro e encontra-se na margem de ambos sem pertencer a nenhum. É um modo não básico de pertencer e de participar na estrutura geral da sociedade (RIBEIRO, 2008).

A mente criminoso se desenvolve quando o indivíduo ainda é criança, de acordo com o ambiente que lhe é imposto e por dois principais motivos: a necessidade e a vontade. Algumas pessoas se tornam criminosas porque são marginalizadas e excluídas da sociedade, não conseguiram estudar ou se empregar, passam fome e não tem onde dormir. Outros escolhem a vida de crimes por gostarem da sensação de poder, por ser o caminho mais fácil para obter as coisas e pela sensação de impunidade que assola o país. Não é diferente no Complexo Penitenciário da Papuda...

Detentos de todos os tipos são obrigados a conviverem juntos durante anos, os mais fracos, na maioria das vezes aqueles que não tiveram escolha, são dominados pelos líderes das gangues, que continuam operando como chefes de quadrilhas dentro da prisão. Os criminosos mais perigosos utilizam qualquer recurso que conseguem por as mãos para matar, contrabandear ou fugir. E os livros, que aparentemente não representam perigo nenhum, não escaparam desta realidade.

“Estavamos fazendo um trabalho de rotina quando de repente apareceu um ‘indivíduo correndo em nossa direção vestindo uma armadura. Uma armadura feita com capa dura de livros!” – disse o supervisor de segurança. “Nós não podemos usar munições pesadas dentro do presídio e, sabendo disso, o cara veio com tudo pra cima

da gente. A bala de borracha é letal à queima roupa então aproveitamos o fato dele ter esquecido de fazer uma armadura para a cabeça e atiramos uma granada com gás lacrimogêneo” – Concluiu.

Atualmente os livros, para permanecerem intactos, precisam de um carimbo, sinalizando que o material é seguro e não há nada que os detentos possam fazer com ele. Caso contrário, todos os livros tem sua capa removida pois, além do episódio do colete a prova de balas, os detentos utilizam as obras para guardar giletes, drogas e cartas.

A bíblia, citada anteriormente, é um material de grande porte e, conseqüentemente, a capacidade de armazenamento também é maior. O livro sagrado é o lugar preferido para se esconder facas artesanais, pequenos pedaços de ferro que são lixados nas paredes até que fiquem com a ponta aguda. Para os que possuem menos tempo, a leitura do novo testamento é a mais indicada entre os internos, para guardar maconha e cartas com comandos para outros prisioneiros, conhecido entre os presos como ‘catatau misterioso’.

Apesar disso tudo, os agentes penitenciários deixam várias bíblias no pátio para que os grupos religiosos possam se unir, estudar as passagens e discutir entre eles. Em troca deste favor, os presos deixam os materiais no mesmo lugar onde a segurança colocou, para mostrar à eles que não tem nada escondido e que podem olhar se quiserem.

A Papuda também conta com uma sala de aula para estudos e oficinas de trabalho, como serralheria e marcenaria, cada um com seus respectivos problemas. A sala de aula é um lugar preocupante, pois se já é difícil disciplinar crianças e adolescentes, imagine vários prisioneiros violentos. Quem está lá tentando ensinar corre perigo o tempo inteiro e não há muito o que fazer caso algum preso resolva iniciar um motim.

Não há interesse da maioria dos presos em aprender e sim em diminuir sua pena, pois a cada dois dias de aula, é reduzido um dia na sentença. Um dos fatores que agrava

a falta de interesse é a falta de infraestrutura da sala de aula, que não é isolada acusticamente, o que permite a entrada de barulhos constantes devido a realização de atividades no pátio. Basicamente, os detentos vão para a sala de aula para assistir algum filme no vídeo cassete, ter uma refeição extra no dia e ter sua pena reduzida.

Já as oficinas são monitoradas o tempo inteiro justamente pelo fato dos presidiários utilizarem tudo que encontram como armas e, em uma serralheria ou em macenaria, o que não falta é instrumento para isso. Na sala de aula as únicas “armas” disponíveis é o lápis e a borracha, além dos aparelhos eletrônicos como a televisão e o tocador de VHS que, quando estilhaçados, podem ser fatais.

“O perigo é constante, apesar de todos os trabalhos internos e da biblioteca. Os resultados são visíveis apenas para quem trabalha nos projetos, é difícil dizer se realmente houve uma melhora daqui de onde nós trabalhamos” – respondeu o coordenador de segurança, ao ser indagado sobre a mudança comportamental dos presos depois de começar a trabalhar e estudar. Ele ainda acrescenta: “é praticamente impossível você ver grandes melhoras em um lugar onde quase todos são analfabetos funcionais, ou seja, com o ensino fundamental incompleto. Mas acredito que houve mudanças para os poucos que participam destas atividades. Não dá pra saber. Eles não falam com a gente”.

Maria da Conceição, a bibliotecária que nadou contra a corrente, implantando uma biblioteca no Complexo Penitenciário da Papuda, na tentativa de ajudar quem havia sido esquecido, durante anos observou os horrores e presenciou o medo de perto. Trabalhou durante 5 anos ensinando os presos a organizarem a biblioteca. Perguntada se ela voltaria a trabalhar com os presos, ela foi sucinta: “Perdi a tesão. Não quero mais ajudar marginal”.

Desapontada mas não arrependida, ela contou que durante todos os anos em que trabalhou na biblioteca da Papuda, todos a trataram com respeito e escreveram textos de como a vida mudou após sua inauguração. O que era inaceitável para ela, era o fato de sentir essa evolução e mesmo assim ver os detentos voltando à criminalidade. E isso aconteceu várias vezes.

“Trabalhar na Papuda? Só com mulheres!” – afirmou Conceição, que já não descarta completamente a ideia de trabalhar com os detentos. Segundo Salles, as mulheres que estão presas tem maiores chances de se reabilitarem pois quase todas entraram na vida do crime por amor aos companheiros, sendo usadas para fazer parte do tráfico de drogas, entre outros crimes “menores”.

[...] as pessoas que, individualmente ou em grupo, se dão a atividades em si ilícitas e, com finalidade lícita, têm consciência da possibilidade de efeitos colaterais de perigo ou de dano para uma pessoa, uma coletividade ou um povo todo; entretanto, não desistem da atividade que lhes é muito vantajosa (MIOTTO, 1992, p. 224).

Nesta sentença, Miotto (1992) conseguiu resumir o que se passa na mente de um criminoso que, na maioria das vezes, não teve instrução e apenas seguiu ordens de pessoas que vivem suntuosamente, em qualquer lugar do mundo, auferindo as maiores vantagens. Este é o resultado de uma criança que cresceu em uma sociedade que não lhe estendeu a mão, conviveu numa realidade violenta e viu no crime a única forma de ganhar dinheiro fácil.

Apesar dos esforços feitos por parte do governo e da sociedade para que haja a reintegração dos presos, grande parte voltará a cometer delitos, dentro ou fora das prisões.

5 Análise dos dados

O método selecionado para coleta de dados foi a aplicação de questionários, visto que é de fácil operacionalização, podendo ser aplicado a uma amostra de grande dimensão, num curto espaço de tempo. E além disto, oferece ao entrevistado uma maior privacidade de expôr suas opiniões. As desvantagens são as de não poder captar expressões e emoções dos detentos e não ter a chance de esclarecer possíveis dúvidas à respeito das perguntas.

No período de outubro à novembro de 2011, foram distribuídos 100 questionários para os presos do Núcleo de Estudo do Centro de Internamento e Reeducação (CIR), no Complexo Penitenciário da Papuda. Um vez que somente os presos matriculados no Núcleo de Ensino tem o direito de frequentar a biblioteca, acompanhado do professor responsável e com horário marcado.

Nesta ala se encontram os detentos cujo comportamento está próximo ao ideal para a ressocialização, por isso eles ganham alguns incentivos para seguir em frente, como aulas e acesso à biblioteca. Também foram considerados na pesquisa os indivíduos que recentemente chegaram a esta ala, pois desta maneira é possível conhecer um pouco da realidade dos outros presos e suas opiniões sobre o projeto.

O questionário (Apêndice A) é composto por 3 questões fechadas, 2 semi-abertas e 6 abertas. Entretanto, a questão nº 11 foi respondida apenas pelos presos que não frequentam a biblioteca. Apesar disto, alguns presidiários que não vão à biblioteca responderam as outras questões pois já tiveram contato com a leitura em algum momento de suas vidas.

5.1 Faixa etária

O gráfico 1 apresenta a análise da faixa etária dos detentos respondentes. As idades foram classificadas em faixas etárias fracionadas em intervalos de 5 anos dos 21 até os 40 anos, separando uma parcela de até 20 anos e ampliando após 41 anos.

Conforme podemos verificar no Gráfico 1, cerca de 50% dos entrevistados têm entre 21 e 30 anos. Denota-se que a faixa etária dos frequentadores da biblioteca é de 27 anos. Apenas 4% dos entrevistados tem acima de 40 anos, demonstrando que a experiência de vida pode manter as pessoas longe da criminalidade.

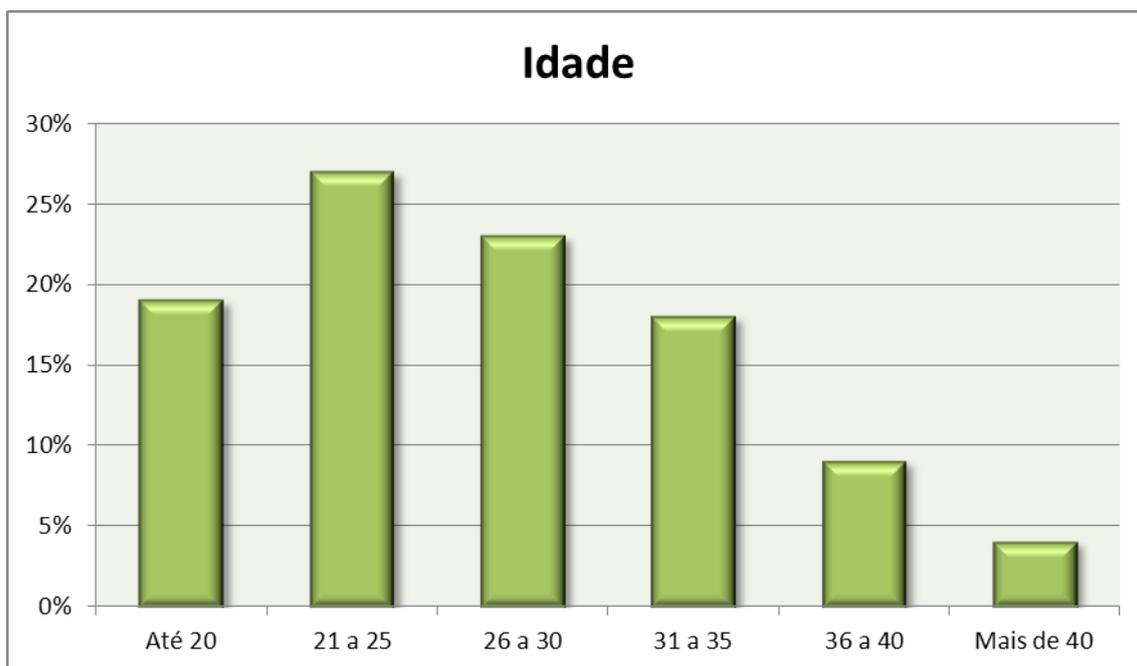


Gráfico 1 – Faixa etária

5.2 Escolaridade

Observa-se no Gráfico 2 que 49% dos entrevistados não possuem o ensino fundamental completo, 13% completaram o ensino médio e nenhum possui ensino superior. Este resultado retrata a situação em que se encontra a população brasileira pois quanto menor o grau de instrução, menores as chances de ingressar no mercado de trabalho e, conseqüentemente, maiores as possibilidades de uma pessoa entrar para a criminalidade.

De acordo com o jornal O Globo, enquanto se investe R\$40 mil em cada preso no presídio federal gasta-se, em média, R\$15 mil com cada aluno do ensino superior no Brasil. Na comparação entre um preso no presídio estadual e um aluno do ensino médio, a distância de valores é ainda maior: são gastos R\$21 mil por ano por preso e R\$2,3 mil por aluno.

Sabemos que os investimentos em educação também tendem a repercutir fortemente em conquistas de segurança pública. Tem-se boa indicação a respeito quando, por exemplo, comparamos a educação dos presos nos

diferentes países com os indicadores médios de escolarização das respectivas populações nacionais. Invariavelmente, observamos que as taxas de analfabetismo são muito superiores entre os presos, quando comparadas com o total de analfabetos em cada país e que os níveis de escolarização presentes na massa carcerária situam-se sensivelmente abaixo dos verificados no conjunto da população (ROLIM, 2008).

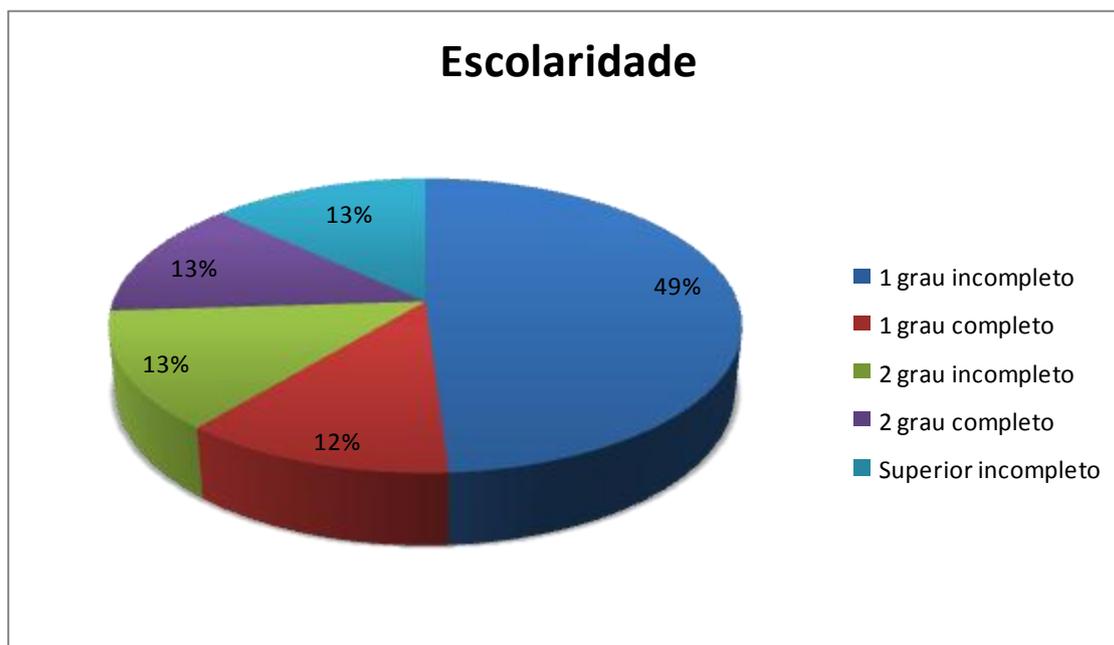


Gráfico 2 - Escolaridade

Moretti (2005, p.7) sustenta que “elevar o nível de escolarização (assegurando a formação no segundo grau, por exemplo) de 10% dos homens dos EUA acarretaria redução de 20% das taxas de homicídios e de prisões por lesões corporais”.

Estudos como estes comprovam que vale a pena investir na educação visando o distanciamento de um indivíduo em relação à criminalidade.

5.3 Hábito e frequência de uso da biblioteca

A análise do hábito de uso da biblioteca e de frequência de uso são apresentados no gráfico 3 e no gráfico 4.

A partir da análise dos dados obtidos nas questões 2 e 3, as quais tratam do costume de frequentar a biblioteca, constatou-se que 82% vão à biblioteca e 18% não possuem este hábito. Da parcela dos frequentadores da biblioteca, 49% vão pelo menos 3 dias por semana e 8% frequentam todos os dias, sem contar os presos que lá trabalham, que totalizam 3%. Além disto, apenas 10% afirmam ir ao menos 1 vez por mês.

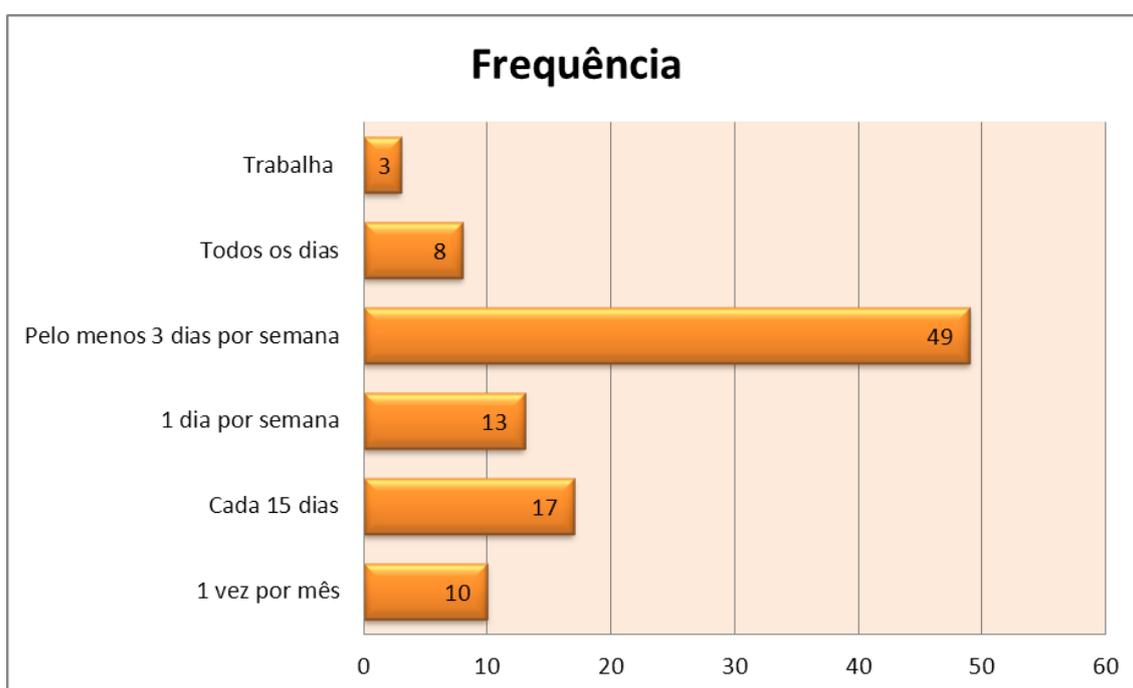


Gráfico 3 - Frequência

Em relação aos 18% que não frequentam à biblioteca (Gráfico 3), os motivos relatados são a falta de interesse (3%), por não ter permissão de acessá-la (39%), devido a política da biblioteca pois são recém-chegados ao CIR e a maioria por serem analfabetos (45%). Apesar do empecilho relacionado com o analfabetismo, eles responderam as perguntas com o auxílio dos colegas de cela para relatar a importância dos estudos e da leitura como um fator indispensável na vida de uma pessoa, como pode ser visto nas seguintes falas dos entrevistados:

“Na escuridão do analfabetismo, procuro pela luz, que é o aprender a ler e o escrever. Meu nome é Antônio, tenho 5 filhos e tenho muita vontade de aprender a ler e escrever para dar um futuro melhor para minha família.”

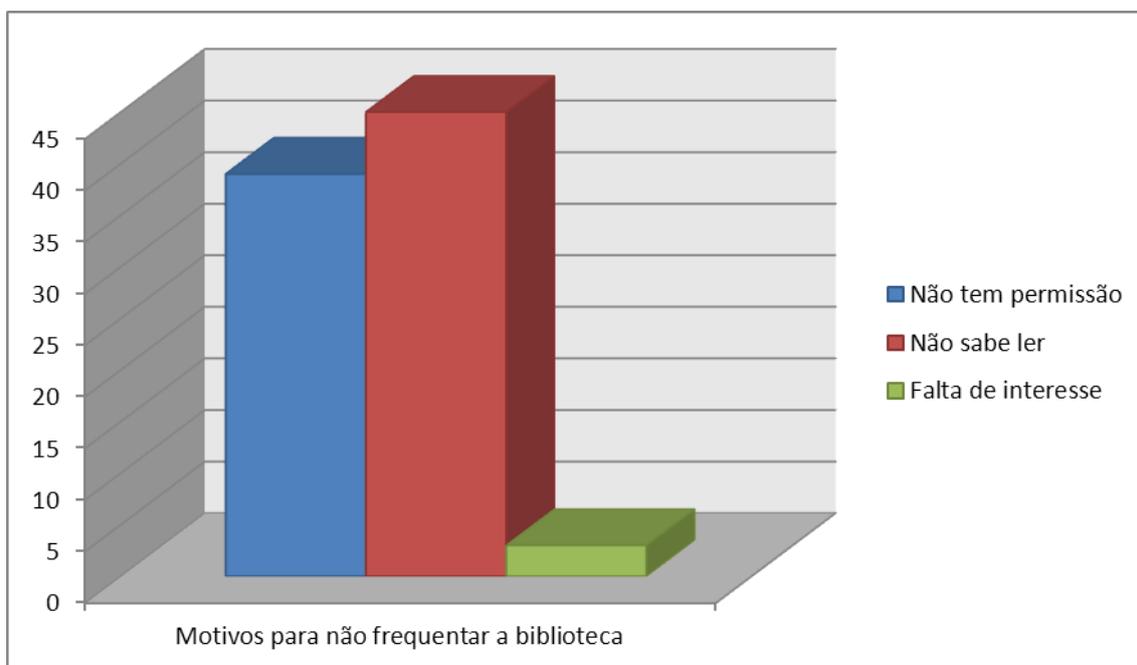


Gráfico 4 – Motivos para não frequentar a biblioteca

“Meu nome é Franciel, sou analfabeto e tenho vontade de aprender a ler e escrever mas infelizmente não tive oportunidade. Meu sonho é aprender a ler e escrever mas sei que sozinho nunca vou conseguir.”

Esta última sentença enfatiza a importância do Estado em investir e priorizar as questões relacionadas à educação, como também projetos sócio-educativos que visam a reintegração dos indivíduos na sociedade.

5.4 Quantidade de livros lidos

A análise da quantidade de livros lidos pelos detentos que participaram do presente estudo são apresentados no gráfico 5.

Cerca de 60% dos detentos participantes da pesquisa leram até 4 livros desde que ingressaram no Núcleo de Estudo (Gráfico 5). Este resultado pode refletir o hábito de leitura dos brasileiros. Segundo dados do IBOPE Inteligência (2008), o brasileiro lê por ano, cerca de 3,4 livros por ano incluindo livros didáticos e apenas 1,3 livros quem não está na escola.



Gráfico 5 – Número de livros

Os que leem de 5 livros ou mais correspondem a 37% dos pesquisados. Isto mostra que há um número considerável de pessoas que possuem um hábito de leitura acima da média, levando-nos a acreditar que após a permanência no CIR o presidiário desenvolve o prazer pela leitura, como descreve Rodrigo:

“Bom... antes eu não gostava de ler mas quando eu caí aqui dentro, passei a ler muito e passei a gostar. É muito prazeroso.”

Alguns fatores que ocasionaram a falta do hábito de leitura dos presos antes de serem condenados são o abandono dos estudos para trabalhar ou por conflitos familiares, o difícil acesso aos materiais de leitura e a falta de incentivo. Afinal, não

basta apenas querer ler, é preciso ainda manter os incentivos para que o indivíduo possa vir a modificar consideravelmente sua vida.

5.5 Ambiente de leitura

A análise do ambiente de leitura utilizado pelos detentos no presente estudo é apresentada no gráfico 6. A preferência dos presos ao que diz respeito à locais de leitura é, sem dúvida, pela cela, representando 70% dos pesquisados, conforme registrado no gráfico 6. O motivo desta preferência é a tranquilidade do ambiente e, das opções disponíveis, a cela é o lugar onde torna-se possível ocorrer uma concentração maior na leitura por parte dos presos.

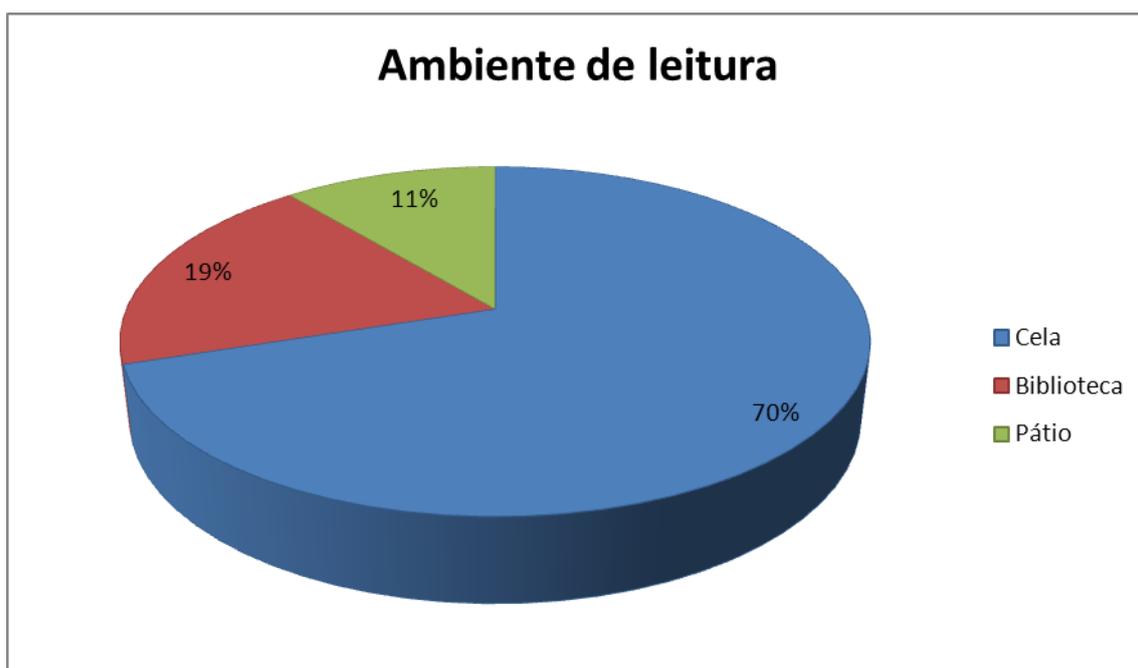


Gráfico 6 – Ambiente de leitura

A biblioteca vem logo a seguir com 19% da preferência. Este baixo valor pode estar ligado ao horário de funcionamento da biblioteca, de segunda à sexta-feira, das nove às quinze horas, com exceção de quinta-feira (dia de visitas) que vai até uma hora antes do fim do expediente. Apesar de ser um ambiente tumultuado e não muito adequado à leitura, 11% dos presos gostam de ler no pátio, durante o banho de sol.

5.6 Materiais de leitura

A análise dos materiais de leitura preferidos pelos detentos é apresentado no gráfico 7. Observa-se que os materiais mais procurados, são livros de romance (44%), seguidos dos religiosos (36%), os de atualidades (34%) e os de cultura geral (32%).

Em seguida são procurados os livros de ficção, correspondendo a 12%, de ação, correspondendo a 7%, de esporte com 6% e os de poesia com 5% de preferência.

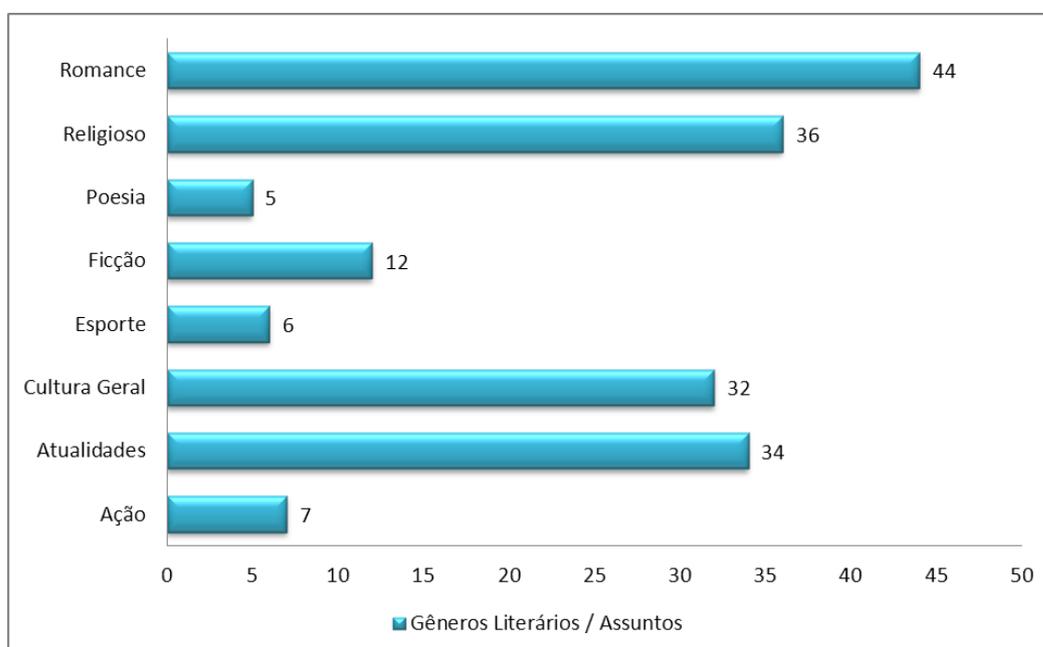


Gráfico 7 – Materiais de leitura

Nos romances, os presos conseguem atravessar a janela do imaginário, levando-os a outros lugares e fazendo com que se sintam parte da própria história. Não é uma leitura pesada, pode ser bastante prazerosa e alguns até se identificam com os personagens, como relatam alguns dos entrevistados:

“Gosto de romance porque são muitos dias longe da família. Por isso gosto de me emocionar com histórias de grandes paixões vividas por outras pessoas, me faz lembrar da minha vida.” – Gildásio Ribeiro

“Gosto de romance para me tornar uma pessoa melhor e acreditar no amor.” –
Jefferson de Medeiros

Dentre os materiais de leitura preferidos, estão os livros religiosos. Grande parte dos presidiários responsabilizam, em partes, os ensinamentos bíblicos pela sua mudança de postura. Estes presos também participam de reuniões com grupos religiosos, desenvolvendo ações como a oração e cultos no presídio. O texto bíblico para eles é o que determina sua existência, auxiliando na superação de seus atos como, por exemplo, os crimes que praticaram. As respostas dos presos refletem bem este cenário:

“Gosto de religião porque me sinto bem por dentro de livros que falam de Jesus pois na cadeia consegui me aproximar de Jesus Cristo.” - Elvis Rodrigues

“Religiosos. Primeiro porque eu sou evangélico e fico fascinado pelas histórias da Bíblia, a fundação do mundo, a maior criação de Deus: o homem; e a palavra de Deus é a verdade viva e eficaz. ‘Conhecereis a verdade e ela vos libertará’.” - Daniel Antônio Paduan

“O livro que eu mais gosto são os bíblicos pois foi com eles que eu consegui me regenerar.” - Wanderson do Nascimento

Observa-se que os materiais contendo atualidades e cultura geral são bastante requisitados pois é uma forma que os detentos encontram de ficarem situados sobre o que está acontecendo no mundo fora dos muros da penitenciária, consoante as respostas:

“Atualidades. Como nós ficamos presos, eu prefiro ler atualidades para ficar por dentro das novidades na sociedade e sobre o avanço da tecnologia nacional e mundial.”
- Antônio Luiz David

“Cultura geral porque eu gosto de ficar informado. A gente já fica aqui preso, tem que ler para ficar informado para quando sair daqui saber pelo menos conversar com alguém.” - Rodrigo Rocha

“Atualidades porque quando estamos presos precisamos nos atualizar e a única forma que temos disto é através de uma boa leitura.” - Daniel Cordeiro

Convém ressaltar que os livros de poesias, ficção, esporte e ação, são vistos como formas breves de lazer e de ocupar a mente pois as atividades diárias na prisão são bastante limitadas. Dianino Alves nos deu um exemplo:

“Gosto de ler poesias porque são muito românticas, falam de amor, carinho e fazem jogos de palavras, com expressões que gosto de decifrar.”

5.7 Importância da leitura

A análise da importância da leitura é apresentada no gráfico 8. Onde pode-se observar os diferentes níveis de percepção sobre essa importância.

Para John (2004) compreender uma mensagem escrita leva ao conhecimento. É possuir autonomia para buscar informações, independente do assunto ou conteúdo, formulando uma visão de mundo individual, segundo as concepções de cada um. Ou seja, quanto mais lemos, mais aprendemos e este aprendizado pode ser aplicado ao cotidiano, como forma de lidar com situações diversas.

Desta forma, pode se dizer que esta afirmação também se aplica ao ambiente prisional no qual pessoas de diferentes culturas e credos se encontram diariamente. A reclusão e o isolamento da sociedade permite que os presos desenvolvam métodos diferentes para melhorar a convivência e lidar com problemas do dia a dia. A leitura possui um papel fundamental nesta realidade.

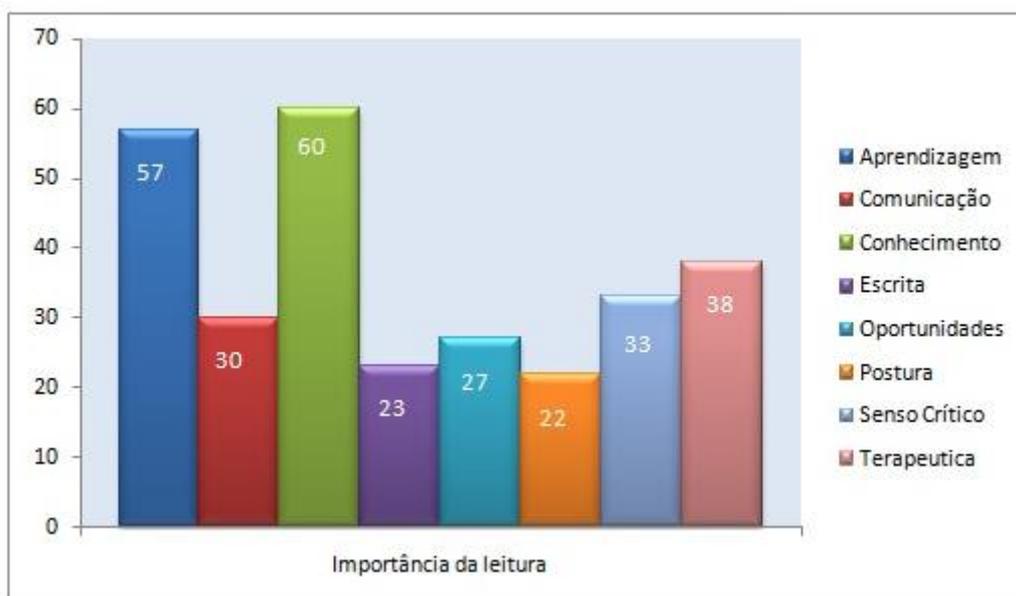


Gráfico 8 - Importância da leitura

Quando questionados a respeito da importância da leitura, os fatores apontados como mais relevantes foram o conhecimento (60%), a aprendizagem (57%) e a função terapêutica (38%), como pode ser observado nas seguintes sentenças:

“A leitura faz parte do desenvolvimento intelectual e é importante para a minha vida, trazendo melhorias para a minha escrita e meus conhecimentos gerais. Com a leitura a pessoa aprende a viver melhor, ou seja, diversificar assuntos e ideias para o meio onde vive.” - Wesley Alves

“É muito importante para melhorar a comunicação, a fala, o entendimento, o aprendizado e para ocupar o tempo com coisas construtivas que me trará melhores coisas no futuro.” - Denny A. Andrade

Nessas afirmativas percebe-se, portanto, que não existe conhecimento que não possa ser adquirido mesmo atrás das grades. Como há sempre algo novo para aprender, a leitura possui uma função educativa pois melhora a capacidade de interpretação, comunicação e escrita, que também foram citadas como um dos fatores importantes pelos detentos.

Adquirindo conhecimento, os presidiários conseguem analisar melhor seu comportamento em público e também se posicionam melhor no que se refere à suas

ideias, ou seja, aprimoram seu senso crítico, como pode ser observado nas respostas à seguir:

“Fundamental para o desenvolvimento intelectual, bem como ajuda na capacidade de saber escolher um melhor caminho para si próprio.” - (Anônimo)

“Eu creio que a leitura nos ajuda a ter uma opinião melhor sobre tudo que fazemos ou iremos fazer.” - Everton Santos

Como explicitado anteriormente, as oportunidades de trabalho são muito poucas para quem é analfabeto, mas com o trabalho desenvolvido no Núcleo de Ensino do CIR, estas oportunidades podem surgir no futuro. Os detentos tem consciência disso, como destacou o presidiário que atualmente trabalha na biblioteca, Zacarias Alves:

“Para mim a leitura é muito importante pois ela nos abre grandes oportunidades, fazendo com que a gente adquira cada vez mais conhecimento. Por isso a leitura é fundamental na vida.”

A função terapêutica (38%) foi o terceiro fator mais mencionado entre os pesquisados. Para eles, a oportunidade, mesmo que brevemente, de poder escapar da difícil rotina imposta no complexo penitenciário é preciosa como pode ser observado nas seguintes sentenças:

“Muito legal. Pode mudar a gente e fazer de nós uma pessoa bem diferente e praticar um caminho bacana.” - (Anônimo)

“É muito importante para mim. Eu gosto de ficar informado e de esquecer um pouco meus problemas.” - Rodrigo Rocha

“É bom para o aprendizado e para acalmar a mente” - Alan Johnson

Como pode ser observado, a leitura é uma maneira de superar dificuldades e limitações, impostas pelo ambiente e pela vida. A biblioterapia no Complexo Penitenciário da Papuda é aplicada de forma indireta, sem ser considerada como uma ferramenta básica para a reintegração. Não há uma equipe especializada, de conhecimentos sobre psicologia ou sociologia que atue ao lado de um profissional da informação como o bibliotecário, da forma que é realizada em outros lugares como, por exemplo, em hospitais.

Por fim, a leitura é considerada muito importante para vários objetivos, mas há quem vá além, como foi o caso de Daniel Cordeiro, que nos respondeu com esta frase que sugere reflexões mais profundas:

“Não é possível encontrar opinião específica para responder pois a leitura traz o infinito para nossas vidas.”

5.8 Sentimentos durante a leitura

O gráfico 9 apresenta os resultados obtidos com a análise dos sentimentos dos detentos durante a leitura.



Gráfico 9 - Sentimentos durante a leitura

Convém destacar que, embora a leitura seja uma opção de lazer além da televisão, do rádio e dos exercícios físicos, etc., ela é capaz de fazer com que os detentos libertem sentidos às vezes reprimidos pelo meio em que vivem.

Por esse motivo, ao entrar em contato com os materiais, os presidiários se sentem mais calmos (47%), embarcam em histórias como se fossem os próprios personagens (43%) e, por alguns instantes, se encontram em liberdade (36%), longe daquelas paredes. Entre os que se sentem tranquilos estão os presidiários Daniel Cordeiro e Jorge Henrique, que destacam, respectivamente, esta sensação nas seguintes respostas:

“Me sinto bem porque alivia minha mente e reconheço tudo aquilo que há de bom que eu perdi.

“Me sinto aliviado, esperançoso, pois quando estamos presos, temos que esquecer aquela pessoa errada que éramos lá fora.”

Pode-se dizer que a leitura, como descreveu Júnio César, “é uma forma de se desligar do sofrimento, das lembranças que passam pelos pensamentos dos presidiários e do fato de estarem confinados por tanto tempo no complexo penitenciário”. Eles se sentem em um “outro mundo” e experimentam a possibilidade de ter uma outra vida, cheia de aventuras e emoções (23%) que não tiveram a oportunidade de provar.

“A leitura pode nos levar a dimensões diferentes. Posso imaginar a cena, o local e, as vezes, até podemos nos **emocionar**.” - Francisco Levino

“No meu caso, eu viajo, parece que o livro está falando comigo. Quando estou com algum problema, fujo para os livros pois eles me **acalmam**.” - Gualtiero F. da Silva

“Me sinto envolvido pela história a qual estou lendo. Hora feliz, hora **emocionado** e hora curioso.” - Daniel Antoni

Analisando os questionários foi possível verificar que 29% das respostas incluíram o fator **ocupado** pois, segundo os detentos, é uma forma de bloquear a mente de pensamentos negativos, envolvimento e ações que podem acarretar novas consequências severas para eles.

“Me sinto muito melhor porque quando estou lendo minha mente fica muito **ocupada** e eu não fico pensando bobeira.” - Edivan Pereira

“Quando eu começo a ler eu tento não ficar pensando na rua. Me sinto leve!” - Marlon Henrique

Além destes, outros 24% frisaram a importância da **aprendizagem** como um ótimo retorno à dedicação do tempo com a leitura. A sensação de conforto aliada a constante absorção de informação é um custo/benefício a qual agrada os presidiários.

Por último, cerca de 21% dos presos disseram se sentir **regenerados** ao ler os materiais da biblioteca. Neste caso o significado de regenerado pode ser o da mudança do ser como um todo, envolvendo a postura, o senso crítico e o fato de ter desenvolvido o hábito da leitura.

“Eu me sinto bem com a leitura e sem a leitura eu não sou nada.” - Ezequiel dos Santos

“Sinto que através da leitura posso ser uma pessoa melhor.” - Zacarias Alves

5.9 Mudança de comportamento

Em relação a mudança de comportamento apresentada no gráfico 10, observa-se que a maioria dos pesquisados (96%) responderam que houveram alterações por parte dos presidiários e que apenas 4% deles não perceberam a diferença.

Destes 4%, não foi possível obter uma resposta satisfatória pois os mesmos não explicitaram o porque de terem escolhido pela não mudança de comportamento, com respostas breves e objetivas. Ao traçar o perfil desta minoria foi possível perceber que não há motivação para leitura por vários motivos que vão da pura falta de interesse até o fato de ser cansativo para a vista.



Gráfico 10 - Mudou o comportamento?

Entretanto, os outros 96% detalharam o porque de suas escolhas, como pode ser lido em algumas respostas a seguir:

“Sim. As pessoas se tornaram mais abertas ao diálogo e são mais tranquilas.” - Paulo Roberto

“Eu acho que houve uma grande melhora nas opiniões, nos diálogos e na forma de pensamento pois há maior diversidade.” - Everton Santos

Como pode ser visto, as mudanças mais visíveis após o desenvolvimento do hábito de leitura foi a variedade de assuntos e a remoção de barreiras psicológicas entre

os presos. Talvez porque antes da leitura e das aulas no CIR, os presidiários não se sentiam à vontade ou tinham dificuldades em expôr suas ideias.

Rodrigo Rocha é ainda mais incisivo na sua resposta, afirmando que ele mesmo é a prova destas mudanças e exemplificou, dizendo que alguns detentos até começaram a escrever livros sobre sua história, músicas e poesias.

“Com certeza. O conhecimento modifica a todos. Antes nós eramos tratados pela sociedade como animais e agora, através da leitura, nos sentimos seres humanos novamente” - respondeu Daniel Cordeiro, mostrando que quem se dedica ao aprendizado e ao exercício da leitura, é visto de forma diferente, aumentando a autoconfiança e estimulando a dar continuidade a esta prática.

“Sim. O livro é uma ferramenta para a sabedoria, para a sociedade. Vejo nós, presos, com melhor comportamento, tranquilos e com esperança de uma vida melhor lá fora.” - Antonio Luiz

Esta mudança de comportamento é uma das provas de que a terapia com materiais de leitura, ou seja, a biblioterapia funciona e deve ser estimulada através de projetos como o da Biblioteca Nova Vida.

5.10 Opiniões à respeito da Biblioteca Nova Vida

Apresenta-se no gráfico 11, os resultados da análise de opiniões dos detentos sobre a Biblioteca Nova Vida.

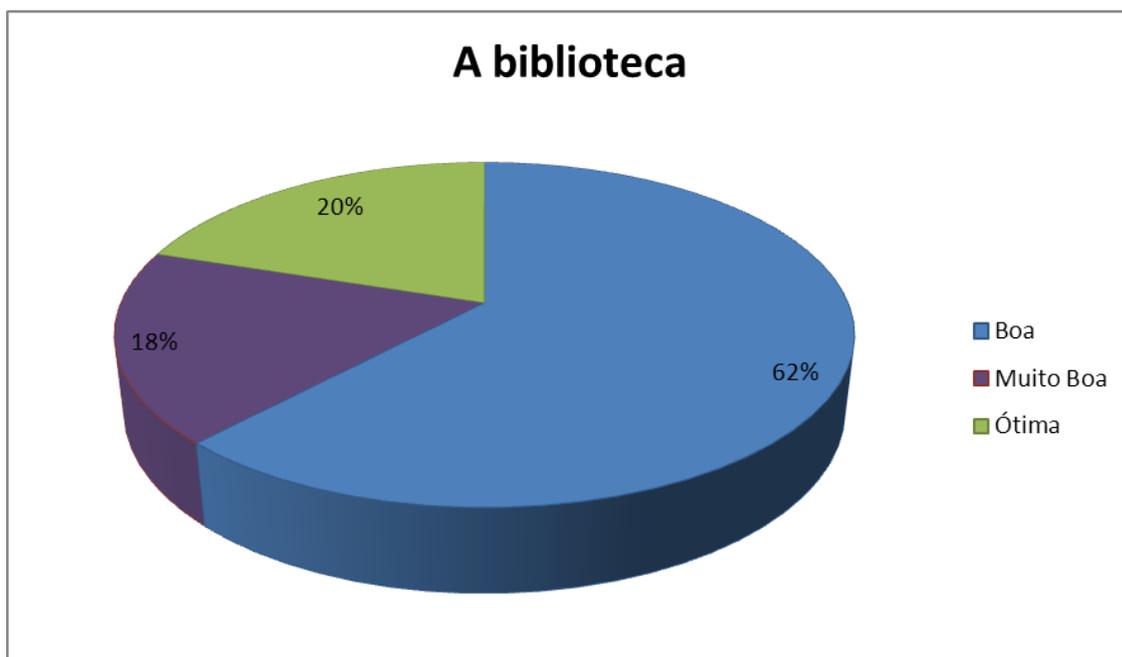


Gráfico 11 - A biblioteca Nova Vida

A biblioteca do Núcleo de Ensino do CIR possui 100% de aprovação dos pesquisados, sendo que 62% acham o espaço bom e 38% consideram muito boa ou ótima.

Ao analisar os dados, observa-se que a importância da biblioteca se torna óbvia devido a vários fatores como ambiente agradável, materiais interessantes e acessíveis, diversidade de assuntos e por ser um incentivo a mais para a ressocialização do interno.

Nenhum presidiário considera a Biblioteca Nova Vida como um espaço irrelevante para eles. Porém, nem todos estão satisfeitos com os materiais existentes, seja por estarem desatualizados, ou por simplesmente não encontrarem alguns materiais que procuram, conforme apresentado no gráfico 12 a seguir.



Gráfico 12 - Encontra o que procura?

“O projeto é bom. Infelizmente os livros são antigos. Deveriam incluir livros atualidades e mais outras obras culturais.” - (Anônimo)

A desatualização do acervo é o principal problema citado pelos presidiários em relação a biblioteca. A maioria das obras são antigas e não há jornais e revistas novas para manter os detentos por dentro dos assuntos que são destaque na mídia, estas reclamações fazem parte de 47% dos pesquisados. Por outro lado, 53% não tem do que reclamar pois, segundo eles, sempre acham o que procuram.

Como explicitado anteriormente durante a revisão de literatura (p.26-27), os materiais de leitura não precisam ser complexos para serem apreciados pelo público e esta visão também faz parte dos internos pesquisados, que sugeriram alguns tipos de materiais.

A tabela 1 destaca as sugestões dos detentos sobre os tipos de materiais que eles gostariam que fossem incorporados ao acervo da Biblioteca.

Tabela 1 - Sugestões para novos materiais

Sugestões
Revistas e Jornais
Literatura, poesia e gibis
Livros Didáticos
Livros Religiosos
Livros de Autoajuda

Revistas e jornais foram os mais requisitados por serem materiais em constante atualização e o que mais falta, seguido por mais obras de gêneros literários existentes como romance, histórias em quadrinhos, livros de ensino médio e de ensino superior, além de livros religiosos e ainda, com temas de autoajuda.

Uma questão muito importante levantada pelos presidiários é a informatização do espaço que já conta com computadores mas não há acesso a internet por motivos de segurança. Com o mercado de trabalho precisando cada vez mais de pessoas capacitadas, seria indispensável que o Núcleo de Ensino do CIR também investisse em aulas para que os detentos tivessem a chance de dominar as ferramentas e os aplicativos mais utilizados no mercado de trabalho, visando uma futura reintegração dos detentos na vida profissional.

Convém ressaltar que apesar dos internos já assistirem a aulas podendo inclusive concluir o ensino médio, e terem acesso aos livros, a ausência da inclusão digital voltaria a fechar as portas para eles. Não basta apenas ensiná-los a operar um computador, os programas de incentivo devem também demonstrar como é possível ganhar seu próprio sustento participando ativamente da vida profissional como cidadãos.

6. CONCLUSÃO

Se a proteção da sociedade deve ser, no caso, assegurada, não menor atenção deve merecer a humanização da pena e a emenda do condenado. Argumentarão os céticos que no congestionamento das prisões, na má e corrupta administração, e face à organização do crime que passa a comandar certos estabelecimentos, tais princípios tornam-se difíceis de alcançar (MIOTTO, 1992).

Esta afirmativa de Miotto descreve de forma rápida como são as administrações das maiorias das prisões brasileiras: ineficientes e desinteressadas. Os presos estão literalmente condenados ao abandono e sem oportunidades. Uma grande jaula onde apenas o tempo irá se encarregar de olhar seus corpos envelhecendo e suas mentes definhando.

Para a sorte de poucos, nem todas as prisões são ruins e, como pode ser observado no presente estudo, o Complexo Penitenciário da Papuda tem realizado um trabalho constante de reabilitação dos detentos. A oferta de oficinas, aulas e acesso a leitura, nesta prisão de segurança máxima demonstra, desde sua fundação, que é possível respeitar os direitos humanos para com aqueles que deixaram de cumprir seus deveres perante a sociedade..

Convém ressaltar que o detento deve se interessar pelo projeto de reabilitação oferecido ou todo o processo de retorno a sociedade será prejudicado. Assim sendo a ressocialização se tornará impossível de se concretizar quando esta não for a finalidade do detento. Por esse motivo, observa-se que em alguns casos, muitos detentos continuam matando e comandando ações criminosas mesmo atrás das grades.

Entretanto, aqueles que abraçam esta nova oportunidade são recompensados por tentar esquecer a vida como era antes e seguir adiante. Pelo trabalho, os detentos aprendem a valorizar seu esforço e pela leitura, eles passam a enxergar a vida com outros olhos.

A força que a leitura possui para transformar a mente dos prisioneiros, visando sua reabilitação, é inimaginável, como foi possível concluir pelas respostas fornecidas pelos detentos nos questionários distribuídos. Quase 100% dos entrevistados notaram uma mudança positiva no comportamento dos seus colegas e de si próprios após o contato com a leitura.

As reações dos detentos variam a cada história ou poema, alguns ficam emocionados, outros sentem saudades e tem até quem se imagine no lugar do personagem, vivenciando suas aventuras através da janela do imaginário que os leva para onde eles desejam. Graças a iniciativa de Maria da Conceição Moreira Salles, a Biblioteca Nova Vida ofereceu, aos prisioneiros do Complexo Penitenciário da Papuda, uma nova perspectiva de vida.

Contúdo, desde sua fundação até os dias de hoje, o acervo da Biblioteca Nova Vida não foi atualizado. As mesmas obras estão a disposição há vários anos, sendo a grande maioria de doações repassadas à Rede Gasol, que realizou a redistribuição dos materiais as bibliotecas comunitárias das cidades do entorno e da Papuda. Esta é uma das principais reclamações dos detentos.

Uma atualização no acervo da biblioteca neste momento é de extrema importância. Deve ser feita a inclusão de novas obras dos principais gêneros literários como romance e poesia, além de outros livros religiosos que também são muito procurados pela população carcerária.

Um ponto importante que chamou a atenção foi a necessidade de materiais de grande circulação como jornais e revistas de divulgação, com notícias do cotidiano. Neste caso podemos concluir com uma certa segurança de que é fácil conseguir essas doações, pois os mesmos são descartados por diversas pessoas logo no dia seguinte, quando a notícia já está ‘ultrapassada’.

Outra preocupação, em relação a reabilitação dos detentos, é a falta de um programa de curto e médio prazo, para a inclusão digital. Um projeto de reabilitação de detentos e inclusão num mercado de trabalho informatizado requer um planejamento

por parte das autoridades que gerenciam essas penitenciárias. Assim sendo, o conhecimento na área da informática se faz imprescindível para que o prisioneiro possa ter uma nova oportunidade ao voltar as ruas.

Os computadores da Biblioteca Nova Vida devem estar munidos com os softwares essenciais para trabalho como, por exemplo, o pacote Open Office que viabiliza o treinamento do detento com a finalidade de editar textos, criar planilhas, tabelas, etc. Porém, o acesso a *internet* deve ser restrito e monitorado para que o preso não se desvie de seu objetivo.

Finalizando, observou-se que o potencial que a leitura possui para reabilitar os detentos e os dados exibidos no presente estudo comprovam a eficiência da Biblioterapia. É preciso que o investimento na Biblioteca Nova Vida seja constante para que ela possa atingir seus objetivos. A atualização do acervo e dos serviços de informática devem estar sempre acompanhados das necessidades do mundo, fora das grades, para que, quando terminarem de cumprir suas penas, os detentos possam ter uma chance real de terem uma “nova vida”.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA , Geysel Maria. A leitura como tratamento: diversas aplicações da biblioterapia. In: **Encontro Regional de Biblioteconomia, Documentação, Ciência da Informação e Gestão da Informação XIV**, 2011, Maranhão, Anais...Maranhão, 2011.

Disponível em:

<<http://rabci.org/rabci/sites/default/files/A%20LEITURA%20COMO%20TRATAMENTO%20diversas%20aplica%C3%A7%C3%B5es%20da%20biblioterapia.pdf>>. Acesso em: 09 ago. 2011.

ALSTON, Edwin F. Bibliotherapy and Psychotherapy. **Library Trends**, v. 11, n. 2, 1962: Bibliotherapy: 159-176. Disponível em:

<http://www.ideals.illinois.edu/bitstream/handle/2142/6060/librarytrendsv11i2h_opt.pdf?sequence=1>. Acesso em: 10 ago. 2011.

ARAUJO, Carlos Eduardo Moreira de. **Cárceres imperiais: a Casa de Correção do Rio de Janeiro: seus detentos e o sistema prisional no Império, 1830-1861**. 336 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2009.

ARAUJO JUNIOR, Marcondes de Sousa. **O discurso da imprensa sobre o complexo penitenciário da papuda em Brasília, de 1979 aos nossos tempos**. Disponível em: <<http://monografias.brasilecola.com/historia/o-discurso-imprensa-sobre-complexo-penitenciario-papuda-.htm>>. Acesso em 22 out. 2011.

BERNIK, Vladimir. **Estresse: o assassino silencioso**. Disponível em:

<<http://www.vladimirbernik.med.br/se/?p=278>>. Acesso em: 21 nov. 2011.

BRASIL. Defensoria Pública da União. **Defensoria reforça pedido de instalação de sala na Papuda**. Disponível em:

<http://www.dpu.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3591:defen

soria-reforca-pedido-de-instalacao-de-sala-na-papuda&catid=79:noticias&Itemid=86>.
Acesso em: 28 out. 2011.

BRASIL. Constituição (1824). **Constituição da República Federativa do Brasil:** promulgada em 25 de março de 1824. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao24.htm>.
Acesso em: 21 nov. 2011.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil:** promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em: 21 nov. 2011.

BRASIL. Lei n. 4898, de 9 de dezembro de 1965. IRegula o Direito de Representação e o processo de Responsabilidade Administrativa Civil e Penal, nos casos de abuso de autoridade. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/14898.htm>.
Acesso em: 22 nov. 2011

BRASIL. Lei n. 7210, de 11 de julho de 1984. Institui a Lei de Execução Penal. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7210.htm>. Acesso em:

BRITO, Danielle Santos de. A importância da leitura na formação social do indivíduo. **Periódico de Divulgação Científica da FALS**, ano 4, n. VIII, jun. 2010. Disponível em: < http://www.fals.com.br/revela12/Artigo4_ed08.pdf > . Acesso em 30 set. 2011.

BUARQUE, Cristóvam. **Admirável mundo atual:** dicionário pessoal dos horrores e esperanças do mundo globalizado. São Paulo: Geração Editorial, 2001. 333 p.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Biblioterapia:** um cuidado com o ser. São Paulo: Porto de Idéias, 2010. 200 p.

CARVALHO, Vinícius. **Preconceito impede a reabilitação de ex-presos**. Disponível em: < <http://maringa.odiario.com/maringa/noticia/215989/preconceito-impede-a-reabilitacao-de-ex-presos/>>. Acesso em 20 set. De 2011.

CASTRO, Rachel Barbosa de; PINHEIRO, Edna Gomes. Biblioterapia para idosos: o que fica e o que significa. **Biblionline**, v. 1, n. 2, 2005, 13 p. Disponível em:<<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/viewFile/586/424>>. Acesso em: 10 ago. 2011.

CASTRO, Estefânia Freitas de; GOUVEIA, Luís; GOMES, Rosa. **Ordenações Filipinas on-line**. Disponível em: <<http://www1.ci.uc.pt/ihti/proj/filipinas/>>. Acesso em: 05 out. 2011.

CLARK,, Sheila; MCCREAIGH, Erica. **Library services to the incarcerated** : applying the public library model in correctional facility libraries. Westport : Libraries unlimited, 2006. 251 p.

COSTA, José Américo Abreu. sentido da execução penal. **Jornal Recomeço**. Disponível em: < <http://www.nossacasa.net/recomeco/0096.htm>>. Acesso em 19 set. 2011.

FERREIRA, Danielle Thiago. Biblioterapia : uma prática para o desenvolvimento pessoal. **ETD – Educação Temática Digital, Campinas**, SP, v.4, n.2, p 35-47 , jun. 2003.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 21^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987. 262 p.

GARCIA, Wilson Roberto Barbosa. Da prisão em flagrante: aspectos práticos e doutrinários. **Revista Jus Vigilantibus**. 16 de abr. 2005. Disponível em:<<http://jusvi.com/artigos/15132>>. Acesso em: 29 jul. 2011.

GLOBALIZAÇÃO e marginalidade. Natal, RN: EDUFRN, 2008. 3 v.

GÓIS, Fabíola. Na lei do improviso. *Correio braziliense*, 22 mar. 2006 . Disponível em:< www.secom.unb.br/unbclipping2/2006/cp060522-10.htm>. Acesso em 04 jan. 2012.

GOLD, Martin. Scholastic experiences, self-esteem, and delinquent behavior: a theory for alternative schools. **Crime and Delinquency**, v. 24, n. 3, jul. 1978, p. 290-308.

GOMES, Luiz Flávio. **Presídios**: bomba-relógio com tragédias anunciadas. Disponível em: <<http://www.parana-online.com.br/colunistas/343/84748/?postagem=PRESIDIOS+BOMBA+RELOGIO+COM+TRAGEDIAS+ANUNCIADAS>>. Acesso em: 20 out. 2011.

HISTORY of the prison system. Disponível em: <<http://www.howardleague.org/history-of-prison-system/>>. Acesso em: 12 out. 2011.

HOWARD, J. **The State of Prisons in England and Wales**. Disponível em: <<http://www.howardleague.org/johnhoward/>>. Acesso em 28 set. 2011.

LIMA, Maria. CPI do sistema carcerário divulga rankings de melhores e piores cadeias do Brasil. **Jornal O Globo**. Rio de Janeiro, 24 jun. 2008. Disponível em:<http://oglobo.globo.com/pais/mat/2008/06/24/cpi_do_sistema_carcerario_divulgd_rankings_de_melhores_piores_cadeias_do_brasil-546952717.asp> Acesso em: 02 ago. 2011.

LINS, Ivana. Novos espaços de leitura e a disseminação da informação. In: **Proceedings Encontro Nacional de Ciência da Informação – CIFORM, VI**, Salvador - Bahia, 2005. 15 p. Disponível em:<http://www.cinform.ufba.br/vi_anais/docs/IvanaLins.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2011.

MAGNABOSCO, Danielle. Sistema penitenciário brasileiro: aspectos sociológicos. **Jus Navigandi**, Teresina, ano 3, n. 27, 23 dez. 1998. Disponível em:

<<http://jus.com.br/revista/texto/1010>>. Acesso em 27 nov. 2011.

MARRA, Livia; BUOSI, Milena. Massacre do Carandiru, que deixou 111 mortos, completa 10 anos. **Folha Online**, São Paulo, 01 out. 2002. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u60163.shtml>>. Acesso em 15 out. 2011.

MIOOTTO, Armida Bergamini. **A violência nas prisões**. 2. ed. Goiânia: Ed Univ Fed Goiás, 1992. 284 p

MISCIASCI, Elizabeth. **A primeira prisão e como surgiram os presídios**. 1999.

Disponível em:<http://www.eunanet.net/beth/news/topicos/nasce_os_presidios.htm>.

Acesso em: 29 jul. 2011.

MORETTI, Enrico. **Does education reduce participation in criminal activities?**

California: Uc Berkeley, 2005. 17 p. Disponível em:

<http://devweb.tc.columbia.edu/manager/symposium/Files/74_Moretti_Symp.pdf>.

Acesso em: 09 out. 2011.

NUNES, Lucilene. **Biblioterapia**: formação e atuação do bibliotecário. Faculdade de Filosofia e Ciências - Campus de Marília. São Paulo, 2004.

O GLOBO. **Brasil gasta com presos quase o triplo do custo por aluno**. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/educacao/brasil-gasta-com-presos-quase-triplo-do-custo-por-aluno-3283167>>. Acesso em: 21 nov. 2011.

OLIVEIRA, Ageisa Clara Ferreira de et al. O biblioterapeuta: a nova atuação do profissional bibliotecário. In: **Encontro Regional de Biblioteconomia,**

Documentação, Ciência da Informação e Gestão da Informação XIV, 2011,

Maranhão, Anais...Maranhão, 2011. Disponível

em:<<http://rabci.org/rabci/sites/default/files/O%20BIBLIOTERAP%C3%80UTA%20a%20nova%20atua%C3%A7%C3%A3o%20do%20profissional%20bibliotec%C3%A1rio.pdf>>. Acesso em: 08 ago. 2011.

OSBORNE, Richard. **Dicionário de Sociologia**. Disponível em: <http://chafic.com.br/chafic/moodle/file.php/1/Biblioteca_Virtual/Temas_educacionais/Dicionario_de_Sociologia.pdf>. Acesso em: 16 out. 2011

PALMER, Rick. Trying new things: bibliotherapy in prison. **Peace Magazine**, Canadá, v. 16, n. 3 jul./set. 2000, p.26. Disponível em:<<http://peacemagazine.org/archive/v16n3p26.htm>>. Acesso em: 10 ago. 2011.

PARDINI, Maria Aparecida. **Biblioterapia!** Encontro perfeito entre o bibliotecário, o livro e o leitor no processo de cura através da leitura. Estamos preparados para essa realidade?. São Paulo: Divisão Técnica de Biblioteca da Universidade Estadual Paulista; 2002. Disponível em:<<http://www.sibi.ufrj.br/snbu/snbu2002/oralpdf/87.a.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2011.

PEDROSO, Regina Célia. Utopias penitenciárias. Projetos jurídicos e realidade carcerária no Brasil. **Jus Navigandi**, Teresina, ano 9, n. 333, 5 jun. 2004. Disponível em:<<http://jus.com.br/revista/texto/5300>>. Acesso em: 15 ago. 2011.

PINTO , Virginia Bentes. A biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário. **Transinformação**, Campinas, 17(1):31-43, jan./abr., 2005. Disponível em:<<http://revistas.puccampinas.edu.br/transinfo/include/getdoc.php?id=244&article=79&mode=pdf&OJSSID=2ea67256a9e0e09699a00955cb189087>>. Acesso em: 10 ago. 2011.

QUEIROZ , Fabiano de. **Gibis**: importância, influência, paixão e preconceito. jun. 2008. Disponível em:<<http://rodaeinova.wordpress.com/2008/06/10/gibis-importancia-influencia-paixao-e-preconceito/>> Acesso em: 05 ago. 2011.

RIBEIRO, Lucie da Costa. Marginalidade, um padrão cultural ou apenas um desvio do mesmo? Disponível em:
<<http://psicob.blogspot.com/search/label/12.%C2%BA%20B%20%20%20LuLuc%20da%20Costa%20Ribeiro>>. Acesso em 13 out. 2011.

ROLIM, Marcos. **Mais educação, menos violência**: caminhos inovadores do programa de abertura das escolas públicas aos fins de semana. Brasília, UNESCO. 2008. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0017/001785/178542por.pdf>>, Acesso em: 21 nov. 2011.

ROTHMAN, David. **The discovery of the asylum**. Boston: Little Brown, 1991, 30 p.

SHRODES, Caroline. **Bibliotherapy**: a theoretical and clinical-experimental study. 1949. 344 f. Dissertation (Doctor of Philosophy in Education) – University of California, Berkeley.

SILVA, Marisa Pedrosa Tavares da. **Biblioterapia na educação pré-escolar**: a gestão do medo e da agressividade. Porto : [ed. autor], 2011. XII, 74 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) - Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti , Porto, 2011. Disponível em:<http://repositorio.esepf.pt/bitstream/handle/10000/479/TM-ESEPF-AL_MarisaPedrosa2011.pdf?sequence=1>. Acesso em: 09 ago. 2011.

SILVA, Eduardo Silva. **Remédios constitucionais**. 2011. Disponível em:<<http://civilex.vilabol.uol.com.br/pagina64.htm>>. Acesso em 29 jul. 2011.

SOUZA, Fátima. **Como funcionam as prisões**. Disponível em:

<<http://pessoas.hsw.uol.com.br/prisoies2.htm>>. Acesso em 29 set. 2011.

SOUZA, Leila. A importancia da leitura para a formação de uma sociedade consciente.

In: **Encontro Nacional de Ensino e Pesquisa da Informação - CIFORM, VII** ,

Salvador - Bahia, Brasi, 2007. 11p. Disponível em:

<<http://dici.ibict.br/archive/00001095/01/aimportanciadaleitura.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2011.

UNESCO. **Brasil lança projeto de leitura nas prisões**. 05.nov. 2010. Disponível em: <

[http://www.unesco.org/new/pt/brasil/about-this-office/single-](http://www.unesco.org/new/pt/brasil/about-this-office/single-view/news/brazil_launches_a_reading_project_in_prisons/)

[view/news/brazil_launches_a_reading_project_in_prisons/](http://www.unesco.org/new/pt/brasil/about-this-office/single-view/news/brazil_launches_a_reading_project_in_prisons/) >. Acesso em 12 nov. 2011.

VOGEL, Brenda . **The prison library primer**: a program for the twenty-first century.

Estados Unidos: The Scarecrow Press, 2009. 296 p. Disponível

em:<http://books.google.com/books?id=iI9aQVzZ2WcC&printsec=frontcover&dq=The+Prison+Library+Primer&hl=en&ei=bZIVTqG2F8nTgAePtKkw&sa=X&oi=book_resu&ct=result&resnum=1&ved=0CCkQ6AEwAA#v=onepage&q&f=false>. Acesso em:

12 ago. 2011.

WIKIPÉDIA. **Aulus Cornelius Celsus**. Disponível em:

<http://en.wikipedia.org/wiki/Aulus_Cornelius_Celsus>. Acesso em: 12 nov. 2011.

WIKIPÉDIA. **New Mexico State Penitentiary riot**. Disponível em:

<http://en.wikipedia.org/wiki/New_Mexico_State_PenitePenite_riot>. Acesso em 29 out. 2011.

WILLIAM J. Sabol; HEATHER C. West. **Prisoners in 2009**. Bureau of Justice

Statistics: Bulletin Estados Unidos, 2010. 38 p. Disponível

em:<<http://bjs.ojp.usdoj.gov/index.cfm?ty=pbdetail&iid=2232>>. Acesso em: 12 ago. 2011.

ZIMMERMANN, Anelise. O livro e a imaginação: portas, janelas e tapetes voadores.
In: **Seminário Educação, Imaginação e as Linguagens Artístico Culturais, III.**
Criciúma, julho de 2007. 7 p.



APÊNDICE A

Universidade de Brasília (UnB)
Faculdade de Ciência da Informação (FCI)
Curso de Graduação em Biblioteconomia

Questionário – Biblioteca prisional: informação e reintegração

Nome (opcional): _____ Idade: _____

1) Qual sua escolaridade?

Superior completo

Superior incompleto

2º grau completo

2º grau incompleto

1º grau completo

1º grau incompleto

Um dia por semana

A cada 15 dias

Uma vez por mês

Outros: _____

2) Você costuma ir a biblioteca?*

Sim

Não

*Caso sua resposta tenha sido Não, responda a questão 11.

4) Quantos livros você já leu?

1 livro

De 2 a 4 livros

De 5 a 7 livros

Mais de 7 livros

3) Com que frequência?

Todos os dias

Pelo menos três dias por semana

5) Onde você gosta de ler?

Na Biblioteca

No pátio

Na cela

Outros: _____

6) Quais são os gêneros literários que você mais gosta? (exemplo: ficção, romance, cultura geral, atualidades, religioso, etc) Por quê?

7) Qual sua opinião sobre a importância da leitura?

8) Como você se sente durante a leitura?

9) Você acha que o comportamento das pessoas com quem você convive mudou após este encontro com a literatura?

10) O que você acha da Biblioteca Nova Vida? Você encontra o que procura? Quais livros ou revistas você acha que devem fazer parte do acervo da biblioteca?

11) Quais são os motivos pelos quais você não lê? (Apenas responda a esta pergunta se na Questão 2 sua opção foi Não)

Obrigado pela sua colaboração! 😊